

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**JUVENTUDE E RELIGIÃO: INFLUÊNCIA DA DIMENSÃO
COMUNITÁRIA NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE
EMPRESAS EM UNAÍ - MG**

MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA

GOIÂNIA

2008

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**JUVENTUDE E RELIGIÃO: INFLUÊNCIA DA DIMENSÃO COMUNITÁRIA NO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS EM UNAÍ - MG**

MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Goiás, como requisito para obtenção do grau de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Irene Dias de Oliveira

GOIÂNIA

2008

O48j Oliveira, Maria Aparecida de
Juventude e religião : influência da dimensão
comunitária no curso de Administração de Empresas em Unaí-MG /
Maria Aparecida de Oliveira. – 2008.

118 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Goiás,
Mestrado em Ciências da Religião, 2008.

“Orientadora: Profa. Dra. Irene Dias de Oliveira”.

1. Juventude. 2. Religião. 3. Juventude – religião –
administração de empresas – curso. 4. Administração de
empresas – curso – estudante – religião. I. Título.

CDU: 2:378.4-057.87(815.1Unaí)(043)

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA
EM 21 DE FEVEREIRO DE 2008
E APROVADA COM A NOTA 8,0 (OITO INTEIROS)
PELA BANCA EXAMINADORA

1) Dra. Irene Dias de Oliveira / UCG (Presidente) Irene Dias de Oliveira

2) Dra. Izabel Missagia de Mattos / UCG (Membro) Izabel Missagia de Mattos

3) Dr. Hilário Henrique Dick / UNISINOS (Membro) Hilário Dick

Dedico este trabalho aos meus sobrinhos Letícia (13 anos), Maria Eduarda (6 anos) e Alberto Júnior (3 anos).

Agradeço ao Deus de Jesus Cristo, por dar sentido à minha vida.

À Universidade Católica de Goiás, por oferecer este curso e pela ajuda financeira, sem a qual não teria sido possível concluir este Mestrado.

Ao corpo docente do Mestrado em Ciências da Religião, pela seriedade e competência.

À minha orientadora, profa. Dra. Irene Dias de Oliveira (mulher forte e admirável), pelo profissionalismo, traduzido em rigor científico, percepção e compreensão nos meus momentos de cansaço.

À secretária Geyza Pereira, por unir seriedade profissional e amabilidade.

Aos colegas, por dividirem comigo este tempo ímpar de conhecimento e reflexão, especialmente à Márcia Firenze, que me acolheu inúmeras vezes em sua casa.

À Casa da Juventude, por acolher-me em suas instalações.

Às amigas Jacinta Alves e Patrícia Magalhães e suas respectivas famílias, suporte para mim em Brasília - DF.

Ao Instituto de Ensino Superior Cenecista (INESC), por permitir-me fazer a pesquisa de campo nessa Instituição, especialmente ao Diretor Administrativo e Pedagógico, Marlom Vinícius Brisola.

Aos estudantes do curso de Administração de Empresas que, prontamente, aceitaram colaborar na realização desta pesquisa.

À minha família, pelo apoio e compreensão, sobretudo nas minhas tantas ausências para dedicar-me aos estudos.

RESUMO

OLIVEIRA, Maria Aparecida de. *Juventude e religião: influência da dimensão comunitária no curso de Administração de Empresas em Unai – MG (Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, 2008.*

Esta pesquisa teve por objetivo investigar estudantes do curso de Administração de Empresas do INESC – Instituto de Ensino Superior Cenequista em Unai - MG, a fim de sabermos se a dimensão comunitária contribui positivamente no quesito trabalho em equipe no referido curso. Para o estudo deste tema a metodologia usada serviu-se dos conceitos de juventude, religião, administração e equipes de trabalho, bem como a pesquisa de campo. Por juventude assumimos que é uma categoria socialmente construída, delimitada pela faixa etária de 15 a 24 anos. Tal idade é definida pela Organização Internacional da Juventude e também opção utilizada em todas as análises demográficas. A religião dá sentido à vida e é ‘eminente coletiva’. A administração é conceituada como aquela que, sob o comando de alguém presta um serviço ao outro. As equipes de trabalho são um conjunto de pessoas que se reúnem para atingir um objetivo comum. A pesquisa de campo mostrou que a experiência da dimensão comunitária exerce influência quanto às relações interpessoais. Valores como a cooperação, união e respeito mútuo, transmitidos pela dimensão comunitária da religião, uma vez vividos por estes jovens, facilitam os relacionamentos no ambiente de trabalho, contribuindo, assim, para o desempenho das equipes de modo mais satisfatório e produtivo.

Palavras-chave: juventude, religião, administração de empresas, equipes de trabalho.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Maria Aparecida de. Youth and religion: the influence of the community dimension in the Business Administration course in Unai – MG (Post-Graduate Program in the Religion Sciences) – Catholic University of Goiás, 2008.

This research set out to investigate students from the Business Administration course at INESC – Institute Cenecista of Higher Education in Unai –MG, with the aim of finding out if the community dimension of religion contributes positively to the team work in this course. In order to study this theme, the methodology used the concepts of youth, religion, administration and team work as well as field research. By youth we mean a socially constructed category, delimited along age bands from 15 to 24 years old. This age is defined by the International Organization of Youth and an option used in most demographic analyses. Religion gives sense to life and it is 'eminently collective'. Administration is considered to be a concept of service, directed by someone at the service of others. Team work happens where a group of people unite to reach a common goal. The field research showed that the experience of a community dimension exercises influence in interpersonal relations. Values such as cooperation, union and mutual respect, transmitted through the community dimension of religion, facilitate relationship in the work environment, thereby, contributing to the team's performance in a satisfactory and productive manner.

Key words: youth, religion, business administration, team work.

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT	7
INTRODUÇÃO	11
1 JUVENTUDE E RELIGIÃO NA ATUALIDADE	15
1.1 A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	15
1.1.1 Características que adornam o momento atual	16
1.1.2 Dimensão religiosa na sociedade contemporânea	18
1.2 OS JOVENS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	21
1.2.1 Delimitação da idade	21
1.2.2 Conceito de juventude	22
1.2.3 Características do jovem	26
1.2.4 A juventude como sintoma da cultura	27
1.2.5 Impacto das tendências do mundo contemporâneo sobre o jovem	29
1.2.6 Importância do grupo para o jovem	32
1.3 RELIGIÃO E JUVENTUDE	34
1.3.1 Conceitos de religião	34
1.3.2 Funções coletiva e social da religião	36
1.3.3 A formação religiosa do jovem	41
1.3.4 Estratégias das igrejas católica e evangélica para transmitir idéias e valores aos jovens	47
1.3.4.1 As estratégias da Igreja Católica	48
1.3.4.2 As estratégias das igrejas evangélicas	50
1.3.5 Juventude, religião e a dimensão comunitária	53

2	JUVENTUDE E UNIVERSIDADE	55
2.1	A UNIVERSIDADE HOJE	56
2.1.1	As funções da universidade	62
2.1.1.1	A transcendência na educação	64
2.2	O CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS	67
2.2.1	Conceito de Administração	68
2.2.2	O perfil do estudante de Administração de Empresas	71
2.3	CONCEITO E CARACTERÍSTICAS DO GRUPO	74
2.4	CONCEITO E CARACTERÍSTICAS DAS EQUIPES DE TRABALHO	77
2.4.1	Diferenças entre grupos e equipes	80
2.4.2	Tipos de equipes	82
3	RELIGIÃO, JUVENTUDE E A DIMENSÃO COMUNITÁRIA SEGUNDO OS JOVENS DO INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR CENECISTA - INESC	86
3.1	O LOCAL DA PESQUISA DE CAMPO - INESC	86
3.2	O PERFIL DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DO INESC	88
3.3	O PERFIL DOS JOVENS ENTREVISTADOS	89
3.4	A FUNÇÃO DA RELIGIÃO SEGUNDO O JOVEM	90
3.4.1	Dar sentido à vida	90
3.4.2	Ajudar as pessoas nas dificuldades	91
3.5	A DIMENSÃO COMUNITÁRIA PARA OS JOVENS DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS	93
3.5.1	Onde e como os jovens aprendem a dimensão comunitária	95
3.6	O VALOR COOPERAÇÃO/TRABALHO EM EQUIPE NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS	98
3.6.1	Como os jovens desenvolvem o trabalho em equipe no curso de Administração	

	de Empresas	100
3.7	A CONTRIBUIÇÃO DA DIMENSÃO COMUNITÁRIA DA RELIGIÃO NO QUESITO TRABALHO EM EQUIPE EXIGIDO NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS	102
3.7.1	As respostas convergentes	103
3.7.2	A resposta divergente	107
	CONCLUSÃO	110
	REFERÊNCIAS	114
	ANEXOS	

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é verificar se os valores da dimensão comunitária da religião exercem influência sobre a vida dos estudantes quanto à exigência do trabalho em equipe no curso de Administração de Empresas.

O interesse no tema da dimensão comunitária nasce de uma longa trajetória de experiência das comunidades cristãs, fundando, alimentando e aprofundando a importância e necessidade da vida partilhada em grupo. Os grupos de jovens fizeram e fazem parte de um momento especial em nossa vida, pois, a convivência com eles, através da religião e também da educação, que despertou em nós o desejo de aprofundar sobre as questões juvenis na atualidade. A escolha de um grupo universitário surgiu pela busca de uma maior compreensão sobre a questão do trabalho em equipe nas empresas, bastante pertinente nos dias de hoje.

Uma vez convivendo com os jovens na educação, ficamos a indagar: o que a religião transmite ao jovem sobre a dimensão comunitária? Como transmite? O que o jovem assimila na religião sobre esta dimensão ajuda-o na sua vida acadêmica? Se ajuda, de que forma isto acontece?

A procura por compreender a juventude universitária e a religião é objeto de estudo de Novaes. Em 2001 publicou o artigo *Juventude e religião: marcas*

geracionais e novas modalidades sincréticas mostrando o resultado de uma pesquisa feita com estudantes do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Jorge Cláudio Ribeiro conduziu a pesquisa *Perfil da religiosidade do jovem universitário*, com jovens da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, publicando o resultado na revista REVER em 2003. A nossa pesquisa objetiva compreender o jovem universitário sob o aspecto da influência da dimensão comunitária, ressaltando os valores por ela desenvolvidos, tais como a cooperação, a solidariedade e a justiça.

A nossa hipótese é que, uma vez que o jovem tenha participado de uma religião, a dimensão comunitária contribui positivamente no quesito trabalho em equipe como exigência no curso de Administração de Empresas.

Para trilhar os caminhos metodológicos desta pesquisa, usamos várias mediações. Em primeiro lugar, os conceitos de juventude, religião, administração, de grupos e equipes de trabalho. A pesquisa foi realizada com jovens do 6º período do curso de Administração de Empresas do Instituto de Ensino Superior Cenecista (INESC), situado na cidade de Unaí – MG. A escolha do 6º período se deve ao fato de que é nesta fase que, em geral, acontece uma assimilação maior do conteúdo programático do curso. Foram entrevistados 20 jovens, sendo 16 do sexo feminino e 04 do sexo masculino. A delimitação de idade definida pela Organização Internacional da Juventude e também opção utilizada em todas as análises demográficas é de 15 a 24 anos (NOVAES, 2001, p. 183). A escolha da idade de 18 a 24 anos para esta pesquisa se deve ao fato de que, em geral, é esta a faixa etária do estudante universitário. Dos 20 jovens entrevistados, 02 têm 19 anos, 11 têm 20 anos, 05 estão com 21 anos, 01 com 22 anos e 01 com 24 anos. Quanto ao trabalho, 09 trabalham no ramo de comércio, sendo 07 na condição de empregado e

02 como autônomos; 02 trabalham em serviço público, 01 em um banco particular e 08 estão desempregados.

Como outra mediação, privilegamos a pesquisa de campo, sendo que foi feito, depois de devidamente autorizada pelo diretor pedagógico e administrativo, sr. Marlom Vinícius Brisola, um primeiro contato com os estudantes em sua respectiva sala de aula no mês de maio de 2007, com o objetivo de explicitar o projeto de pesquisa, bem como nos informarmos se os jovens (na época 5º período), aceitariam colaborar na realização de nosso trabalho, o que foi prontamente aceito. Num segundo momento, visitamos novamente a turma (agora já no 6º período), com indagações sobre alguns dados pessoais (por escrito) e a possibilidade de marcar local, dia e horário para a realização da entrevista semi-estruturada gravada em fita cassete. A maior parte das entrevistas foi agendada via telefone, as outras, ali mesmo, pessoalmente. As entrevistas gravadas em fita cassete foram realizadas em local escolhido pelo próprio estudante. Ao se privilegiar a pesquisa de campo, objetivamos ter uma amostra do que os jovens pensam sobre a função da religião, a experiência de vida comunitária (caso tenham tido) na religião, bem como se a experiência da vida comunitária foi transportada para o campo empresarial, no sentido de contribuir para o desafio do trabalho em equipe exigido no curso de Administração de Empresas.

Quanto à organização do texto, no primeiro capítulo procuramos dar uma visão da sociedade no momento atual e a dimensão religiosa neste contexto, bem como desenvolver os conceitos de juventude e religião. No que concerne ao jovem procuramos situá-lo na atualidade, mostrando os impactos causados pelas tendências do mundo sobre ele e investigamos ainda sobre a importância do grupo para o jovem. Quanto à religião, além dos conceitos, procuramos apresentar suas

funções coletiva e social; neste cenário procuramos mostrar a relação da dimensão comunitária do jovem, destacando a religião como espaço preferido de socialização.

No segundo capítulo apresentamos a universidade nos dias de hoje, ousando mostrar o valor da transcendência na educação, já que o objetivo desta é formar o ser humano, particularmente o jovem, na sua integralidade: corpo, mente e espírito. Como o grupo pesquisado são estudantes do curso de Administração de Empresas, adentramos nesta temática, desenvolvendo o conceito de administração, o perfil do estudante deste curso e a problemática dos grupos-equipe como conteúdo estudado. Ao longo deste capítulo, focalizamos a religião, sobretudo a dimensão comunitária, como um valor que pode favorecer as relações interpessoais no universo empresarial.

No terceiro capítulo mostramos a instituição onde foi realizada a pesquisa de campo e o perfil dos estudantes entrevistados; apresentado o resultado da pesquisa de campo, procuramos entender como o jovem se posiciona em relação à dimensão comunitária, retomando os temas trabalhados nos dois primeiros capítulos.

O estudo deste tema é um convite para uma reflexão sobre a busca da dimensão comunitária da religião como um caminho que leve as pessoas a encontrarem-se a si mesmas na pessoa do outro. “Não se é humano fora de um tecido social, o qual não é simples referência circunstancial, mas solo de todas as relações, matriz e placenta que nutre toda atividade dos indivíduos”.

1 JUVENTUDE E RELIGIÃO NA ATUALIDADE

Ao longo deste capítulo é nossa preocupação apresentar um quadro sócio-cultural da nossa sociedade de modo que possa servir como pano de fundo para compreender o jovem. De outro lado, como a dimensão religiosa faz parte da cultura, podemos perceber quanto o fenômeno religioso e a espiritualidade se fazem presentes nas várias dimensões da sociedade contemporânea. Vamos atentar para esta dimensão a fim de entendermos se a religião orienta os jovens no que diz respeito à dimensão comunitária, e de que forma esta permeia as escolhas feitas por eles na vida, na universidade, especialmente no curso de Administração de Empresas, objeto de nossa pesquisa.

Antes de aprofundarmos as questões referentes à juventude e religião, vamos fazer uma abordagem do contexto no qual está inserido o jovem para uma melhor compreensão do tema proposto.

1.1A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A sociedade atual é muito complexa. As mudanças são muitas e velozes. Na Idade Moderna, houve um endeusamento da técnica e da ciência. A característica mais definidora da modernidade é, seguramente, a aposta decidida pelo império da razão como instrumento privilegiado nas mãos do ser humano que lhe permite ordenar a atividade científica e técnica, o governo das pessoas e a administração das coisas, sem o recurso de forças e poderes externos, ou sobrenaturais.

Apesar dos inquestionáveis avanços dos grupos humanos neste período, a fé inquebrantável no poder da razão se choca inevitavelmente com a frustrante

linguagem de fatos e acontecimentos (tão desprovidos de razão) dolorosos e decepcionantes para a humanidade como as duas guerras mundiais; Hiroshima, Nagasaki (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p. 23-4). Este desencantamento deu início a um novo tipo de sociedade em todos os seus segmentos, porque, segundo Lechner (*apud* Goergen, 2005, p. 16), o desencantamento representa a dispensa de uma ordem transcendental legitimante. Conforme Giddens (1991), evaporaram os grandes princípios para se abrir a uma epistemologia de indeterminação, descontinuidade e pluralismo.

Seus traços mais conspícuos – a dissolução do evolucionismo, o desaparecimento da teleologia histórica, o reconhecimento da sua reflexibilidade meticulosa, constitutiva reflexibilidade, junto com a evaporação da posição privilegiada do Ocidente – nos levam a um novo e inquietante universo de experiência (GIDDENS, 1991, p. 58).

Os grandes princípios foram substituídos pelo relativismo. Diante das tantas opções oferecidas nos diversos campos da sociedade, as pessoas se vêm desorientadas e tristes. O ser humano, antes seguro de si e de suas ações, na sociedade atual é um ser tenso, frágil e descontínuo, sem condições e perspectivas para programar sua vida.

1.1.1 Características que adornam o momento atual

Derivada de seus postulados nucleares, em que se afirma a carência de fundamento racional, a descontinuidade e a ausência de sentido da história; o desvanecimento dos grandes relatos e a abertura à pluralidade e à incerteza, pode-se situar, conforme Pérez Gómez (2001), uma complexa constelação de peculiaridades que definem o pensamento contemporâneo, entre os quais cabe

destacar os seguintes: 1. Perda de fundamento da racionalidade: a primeira consequência do desvanecimento dos relatos, e talvez, um de seus fatores interativos substanciais é a perda de fundamento da racionalidade em todos os âmbitos, especialmente na ciência e na moral. Quando se dissolve a certeza moral e científica, a única realidade que parece inteligível é a linguagem, o discurso, a imagem e o texto; 2. Perda da fé no progresso: a perda da fé no progresso linear, cumulativo e ilimitado é um elemento-chave no desvanecimento dos grandes relatos modernistas. Não apenas se impõe a impressão na qual a história não tem um sentido único, evolutivo, como também aparece com bastante clareza que a história não conduz a nenhuma parte predeterminada, senão que supõe um transitar errático e descontínuo, provocando tanto satisfação como sofrimento para a comunidade humana; 3. Pragmatismo como forma de vida e de pensamento: esgotada a retórica dos grandes relatos, o pensamento e a vida cotidiana se refugiam em pretensões e perspectivas mais modestas. Impõe-se um pensamento pragmático, colado à realidade cotidiana local e conjuntural; a busca do prazer e da satisfação do presente, sem demasiada preocupação; nem por seus fundamentos nem por suas consequências. O consenso temporal e conjuntural é proposto como objetivo e como estratégia do indivíduo e da comunidade, 4. Desencanto e indiferença: a perda da fé, no progresso e na carência de fundamento estável e seguro do saber e do fazer, conduz à generalização do desencanto, à indiferença e, com frequência, ao cinismo, o que supõe o triunfo do caráter sem fundamento, artificial, contingente e polimorfo do mundo contemporâneo. O ser humano, sem fundamento e sem horizonte definido, tem que aprender a viver a incerteza e o sem-sentido teleológico do presente. Do desencanto da cultura crítica à ética do vale-tudo, e ao cinismo de aproveitar a injustiça em benefício próprio, não há sequer uma débil fronteira que a

ideologia contemporânea e a cultura social dominante ultrapassem de forma permanente; 5. Autonomia, diversidade e descentralização: em todas as ordens da vida individual e coletiva, impõe-se a exigência da autonomia, o respeito à diversidade e a convivência da descentralização. Cada indivíduo, cada grupo, cada comunidade deve assumir a responsabilidade de sua própria história e transitar no presente. A diversificação e a descentralização atingem os mais diferentes domínios da vida contemporânea, desde a economia até a afetividade. As economias atuais se constroem sobre a produção de pequenas mercadorias mais do que de grandes, serviços mais do que manufaturas, informação e imagens mais do que produtos e coisas (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p. 26-7).

Após perpassar o olhar sobre o cenário contemporâneo, cujas marcas mais evidentes são a irracionalidade, a subjetividade, a descontinuidade, a fragmentação e a individualidade, o objetivo, a seguir, é mostrar a dimensão religiosa do momento atual.

1.1.2 Dimensão religiosa na sociedade contemporânea

O cenário cultural da atualidade é inédito, imerso na falta de parâmetros capazes de colher um número significativo de acontecimentos culturais, havendo uma grande diversidade no modo de pensar e de agir, queda de ideologias e busca de interesses particulares que não estão subordinados a qualquer valor, a não ser o da própria vantagem imediata e quase instintiva. Neste contexto, como a religião se situa?

Moreira (2004, p. 3-6), faz um resumo apresentando algumas transformações que estão ocorrendo atualmente que afetam ou afetarão profundamente as religiões

tradicionais: 1. Perda de certo monopólio, causada pela enorme oferta de bens simbólicos; 2. Crise dos intermediários, que, especializados em produção simbólica, fabricam não só o gosto, como também, descobrem e produzem constantemente novos bens culturais, que se apresentam sob a forma de aconselhamento, terapias, tornando-se, eventualmente, guias para um estilo e filosofia de vida; 3. Diminuição da relativa autonomia da religião, havendo, assim, uma interdependência entre igrejas e comunidades religiosas, que, por sua vez, lançam mão sempre mais de *experts* em *marketing*, comunicação e administração; 4. Diluição da experiência religiosa, caracterizando uma dicotomia entre religião e vida cotidiana, contra o enquadramento do religioso em lugares, espaços e tempos fixos; 5. Colapso das distinções entre religião, alta cultura e superstição popular, entre religião e lazer, entre religião e consumo, entre religião e terapia, entre religião e espetáculo, entre religião autônoma e religião organizada, entre religião e política; 6. A mídia assume, por excelência, um lugar onde acontece a ressacralização da realidade; a religião passa sempre mais na mídia e pela mídia, podendo converter-se, assim, em espetáculo; 7. Como há muitas opções no campo simbólico, surge a necessidade de constante re-encantamento do mundo e das esferas da vida; 8. A experiência religiosa vem associada à experiência subjetiva de empoderamento do indivíduo (a teologia da prosperidade ilustra bem isso), pertencimento (em constante re-constituição) e prazer, sugerindo uma nova estética corporal ou relação com o corpo. Este é, em linhas gerais, o quadro em que se encontra a religião atualmente. Os movimentos religiosos e igrejas mais bem sucedidos são aqueles que adotam tais características na sua logística, na sua organização e na sua imagem externa.

Para Terrin (2003, p. 325-53), no mundo religioso de hoje, correm mensagens novas e velhas: os anjos velhos encontram com os anjos novos numa tentativa

sempre renovada de provocar a cultura para que dê uma resposta religiosa. Os anjos velhos são as mensagens que não impressionam mais. A experiência religiosa, enquanto prática de vida, presente em muitos fiéis, vai de encontro a instituições demasiadamente 'estandardizadas' e pouco flexíveis diante da vida em todo o seu leque de manifestações. Os novos anjos são os Novos Movimentos Religiosos (NMR) dentro e fora da religião cristã, são as novas esperanças depois da travessia do deserto da racionalidade que caracterizou a modernidade. É incalculável, segundo este autor, o número das novas formações religiosas ou novos movimentos. Estes, em geral, são portadores de uma espiritualidade individual que parece mais em conformidade com as próprias orientações da cultura. Podemos citar aqui os *Hare Krishna*, Testemunhas de Jeová, Igreja de Moon. As grandes religiões, que antes funcionavam como uma bússola dando direção à vida, eram um porto seguro onde se podia ancorar em meio às tempestades da vida, na atualidade, esta solidez é quebrada por estes novos movimentos religiosos. Existem atualmente inúmeras pequenas novas religiões com valores transversais e verticais, com concepções transcendentais e imanentistas, com perspectivas milenaristas e visões místicas, com concepções da divindade dentro do homem e com a crença de que o reino de Deus está neste mundo. Este reino se manifesta em ritmos mais tranquilos para a alma, transformando-se numa religiosidade silenciosa, pessoal, individual, vivida em tonalidades diferentes e em tantas línguas, porém muito responsável. Tal comportamento é definido pelo sociólogo Elias (*apud* Terrin, 2003, p. 352-3), como 'sociedade dos indivíduos'.

Martelli (1995, p. 345-6), apresenta três pontos de relação destes novos movimentos com a sociedade: 1. Relação de refúgio (os membros iniciados podem sentir-se protegidos e separados do 'mundo'); 2. Reforma (possibilidade realização

de melhoras radicais para sustentar as atuais estruturas sócio-culturais em crise); 3. Libertação (sustentação psicológica para seus adeptos, libertando-os de condições consideradas obstáculos para a completa realização de seu potencial humano). A busca por refúgio, reforma e libertação retrata a condição do ser humano fragilizado e sem norte da atualidade.

As instituições religiosas, portanto, vão perdendo o monopólio, dando lugar a um tipo de religiosidade que privilegia o individualismo e o silêncio, contrastando-se com a proposta da dimensão comunitária; a dimensão comunitária tem em sua essência a aproximação e acolhida ao outro, busca a comunhão e a interdependência entre seus membros, com o objetivo de se apoiarem mutuamente.

Uma vez que foi apresentado o cenário da sociedade atual e a dimensão religiosa nesta realidade, a seguir a reflexão será sobre o jovem neste contexto.

1.2 OS JOVENS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Apresentar o tema da juventude requer observar vários aspectos. Além da delimitação da idade, conceitos e características, chama a atenção a problemática cultural que a envolve.

1.2.1 Delimitação da idade

Não se pode prescindir de que quanto à idade, é preciso levar em conta as diversas culturas e ainda as muitas variações dentro de uma mesma cultura com o passar do tempo. Mesmo imbuídos de todos os ensinamentos relativizados da antropologia, muitas vezes acaba-se por naturalizar as “fases da vida” como se

fossem universais. A juventude é o período intermediário entre a infância e a idade adulta.

Não há um consenso em torno da definição dos limites de idade para a juventude. O mais comum é pensar na faixa de 15 a 24 anos, definição da Organização Internacional da Juventude e também opção utilizada em todas as análises demográficas (NOVAES, 2001, p. 183). Esta pesquisa segue a faixa de 18 a 24 anos, porque os jovens entrevistados são universitários e, em linhas gerais, os universitários estão dentro deste limite de idade e também porque se enquadra na delimitação da Organização Internacional da Juventude.

Segundo dados do censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2000, dos 169,7 milhões de habitantes no país, 34 milhões se enquadram na faixa etária de quinze e vinte e quatro anos, o que corresponde a 20% da população (IBGE, 2007, s/p).

1.2.2 Conceito de juventude

O conceito de juventude é complexo, pois, ao se analisar a juventude, leva-se em consideração o contexto no qual o jovem está inserido. E umas das marcas da sociedade atual é a complexidade. Os conceitos perpassam vários campos: médico, pedagógico, biológico, psicológico, cultural e sociológico. Aqui, a conceituação será nos campos biológico, psicológico e sócio-cultural.

Biologicamente o conceito de jovem¹, relaciona-se com as modificações do corpo que o afetam por efeito do desenvolvimento glandular e hormonal. Processa-se uma aceleração do crescimento e da diferenciação sexual. Nesta fase os jovens

¹ Nesta fase de mudanças no corpo, o termo mais usado é adolescente e não jovem.

sofrem muito quando o desenvolvimento físico não segue o ritmo e a forma dos colegas (LIBÂNIO, 2004, p. 20).

De acordo com Azevedo (*apud* SUDBRACK, 1997, p. 192-3),

Encontramos no latim a palavra *adolescere* significando crescer, brotar, aumentar, assim como o verbo *adolare*, expressando: fazer sacrifício [...] tanto em latim, como em português, o grupo consonantal *sc* produz a idéia de movimento em todas as palavras em que ele se encontra, daí: ascender, descender, crescer.[...] a raiz “do” (*addolecere*), pela origem da palavra latina *dolor*, nos chegou como dor: adoecer, condoer, dodói, indolor, ficar doente.

Adolescência também é pubescência: empubescer é ter púbis, isto é, pêlo, penugem. Portanto, adolescer não deixa de ser uma transição, uma mudança doída.

Para a psicologia a adolescência é momento privilegiado em que a crise de identidade se encontra em primeiro plano. Esta crise é gerada porque o adolescente carrega, segundo Cur (1999, p.129), três perdas: dos pais imaginários da infância, do corpo infantil e do faz-de-conta próprio da infância. Diante destas perdas, ele se vê perdido e em estado de desamparo, não é mais criança e ainda não é adulto.² Tubert (1999, p. 56), diz que nesta fase o adolescente elabora projetos, propósitos, uma definição – provisória e instável – de si mesmo, que representa outras tantas tentativas de formular respostas que aliviem a angústia da crise de identidade. Porém essas tentativas podem introduzir o risco de se tornarem rígidas e definitivas, em cujo caso poderiam ter o valor de máscaras sociais. Essas máscaras correspondem à assunção dos modelos propostos pela cultura, levando o jovem a ocultar-se, com suas angústias e incertezas, por detrás de uma identidade alienada, ou seja, o adolescente se reconhece naquilo que os outros esperam dele. Ao

² Para Abramo (2005, p. 44), a adolescência, que é o momento inicial, é mais afetada pelas transformações biológicas e suas conseqüências psicossociais e a juventude propriamente dita (ou os jovens adultos), está ligada a questões mais centradas em torno da busca de inserção social.

mesmo tempo em que se esconde, o adolescente vive o paradoxo de saber que precisa relacionar-se com outras pessoas para constituir-se como tal.

Para a socióloga e estudiosa da temática juventude, Helena Abramo (2005, p. 40-1), a idade adulta, em tese “é a do ápice do desenvolvimento e de plena cidadania”. O ápice do desenvolvimento está relacionado à capacidade de sustentar a si próprio, procriar e cuidar dos filhos; e a plena cidadania está relacionada à participação nas decisões, direitos e deveres que regulam a sociedade.

Carrano (2003), diz que

A juventude é entendida como uma complexidade variável, que se distingue por suas muitas maneiras de existir nos diferentes tempos e espaços sociais [...]. Os jovens compõem agregados sociais com características continuamente flutuantes (CARRANO, 2003, p. 110).

Esta flutuação se dá em função do contexto da atual sociedade, marcado pela complexidade e ambigüidade. Ao se referir ao jovem, hoje, é preciso considerar esta realidade complexa e ambígua da sociedade.

Estudiosos desse tema não chegaram a um consenso. Há, sem dúvida, a base biológica, mas a juventude vem sendo uma construção social e por isso assume concepções e compreensões diferentes, conforme os momentos históricos (LIBÂNIO, 2004, p. 36). Diante desta afirmação pode-se concordar com o conceito de juventude como categoria social.

Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social [...]. Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos (GROPPO, 2000, 7-8).

Para Groppo (2000), definir a juventude como uma categoria social faz dela, a juventude, algo mais que uma faixa etária ou uma ‘classe de idade’, no sentido de

limites etários restritos, quer seja 15 a 24 anos, 14 a 29 anos. Também não faz da juventude um grupo social concreto, grupo coeso ou uma classe de fato. Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social. A juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais e pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos. Outras faixas de idade, como a infância, a terceira idade, podem ser definidas assim. Trata-se não apenas de limites etários, mas também, e principalmente de representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que têm importantes influências na sociedade contemporânea.

Ao final, pode-se definir a juventude com base no critério de idade, mas não apenas em função dos limites de idade. É preciso considerar também o contexto sócio-cultural, ou seja, varia de acordo com a classe social, o grupo étnico, a nacionalidade, o gênero, o contexto histórico, nacional, regional, etc. Na verdade, segundo Groppo (2000, p.11-2), a juventude tem importância crucial para o entendimento de aspectos relevantes da sociedade. Acompanhar as mudanças que ocorrem no comportamento dos jovens contribui para uma análise das mudanças de diversos aspectos da sociedade, como a arte-cultura, o lazer, o mercado de consumo, as relações cotidianas.

Diante das diferentes definições de juventude, concordamos com a de Groppo, porque retrata bem a atual paisagem, onde o jovem se tornou o centro das atenções das tantas categorias sociais e ela mesma constitui uma categoria sócio-cultural.

1.2.3 Características do jovem

Como foi descrito, juventude não é somente idade cronológica. E ainda conforme Groppo (2000, p. 11-2), que define a juventude como uma categoria social para significar uma série de comportamentos e atitudes atribuídas ao jovem, observa-se, então, que a juventude é uma atitude frente à vida.

Assim, conforme Casagrande e Bordignon (1982), podemos elencar algumas de suas características: 1. Esperança: a esperança é tão marcante na juventude que muitas pessoas a fazem sinônimo da própria juventude. Juventude é esperança, é sinal de vida, vibração, dinamismo e futuro promissor; 2. Espírito de aventura: alimentado e impulsionado pela esperança, o jovem busca um mundo diferente. Tem facilidade de se desprender do ambiente onde vive e buscar novas situações, novos lugares e novas emoções; 3. Inconformismo: em consequência da descoberta do mundo e de suas realidades, o jovem torna-se altamente questionador. As aspirações que vive no mais íntimo de seu coração, entram em choque com uma realidade desorganizada e, muitas vezes, contrária a tudo que ele busca; 4. Aspiração à liberdade: ser gente, livre de todas as estruturas, dono de si mesmo, é a grande aspiração do jovem. Para chegar a isso, declara guerra às estruturas e desmancha tudo o que entende ser obstáculo à liberdade e tudo com muita pressa, pois imediatismo faz parte do jovem; 5. Capacidade criadora: juventude é renovação, é novidade. O jovem quer sua época, sua vida. Por isso, cria, inventa e transforma as coisas, o mundo é a própria vida até encontrar uma forma original. Uma forma que seja sua, conforme seu tipo e maneira de ser; 6. Exigência de autenticidade: esta característica é muito presente no jovem. A juventude reage violentamente diante das máscaras sociais. Não aceita classismos, racismos e

outros tipos de hipocrisia. Tem aguda sensibilidade aos valores, autenticamente, humanos da pessoa; 7. Dinamismo: o jovem está cheio de energia, ânimo e esperança. Ele não agüenta a rotina e a instalação. A vitalidade não o deixa parar; 8. Instabilidade emocional: a instabilidade emocional é característica de uma pessoa que está se definindo na vida. É um tempo em que o jovem escolhe os principais valores em torno ou sobre os quais vai construir sua vida (CASAGRANDE; BORDIGNON, 1982, p. 7-16).

1.2.4 A juventude como sintoma da cultura

O prestígio da juventude é recente. “O Brasil de 1920 era uma paisagem de velhos”, escreveu Nelson Rodrigues em uma crônica sobre sua infância na rua Alegre. Já o futuro escritor do ano 2030, quando escrever suas lembranças da vida no início do terceiro milênio, poderá afirmar: “O Brasil de 2004 era uma paisagem de jovens”. Foi só a partir de 1950 que os adolescentes e jovens começaram a sair de certa obscuridade culposa e obediente para se transformarem em uma faixa da população privilegiada pela indústria cultural (KEHL, 2004, p. 90). O motivo deste prestígio, segundo esta autora, foi o alongamento da fase de crise do adolescente. Este alongamento, por sua vez, originou-se do aumento progressivo de formação escolar, da alta competitividade do mercado de trabalho nos países capitalistas, diminuição de emprego, conseqüentemente, maior dependência da família. Nestas circunstâncias, a economia capitalista descobriu no jovem uma nova fatia de mercado.

Os anos 50, anos dourados do pós-guerra, são marcados pela emergência de uma cultura jovem na sociedade norte-americana (KEHL, 2004, 90). Uma geração

vista como problemática, mas também como espelho refletor da sociedade americana pós-guerra:

Muita da insistência sobre os jovens como consumidores – novo e gigantesco mercado que se abria à venda de Coca-cola, goma de mascar, balas, roupas, cosméticos, acessórios para carros e carros usados – podia ser transmitida, apesar dos tons de escândalo, ao prazer secreto de ver confirmada a filosofia do consumo que representava uma bíblia do bem estar americano (FONTENELLE, 2000, *apud* KEHL, 2004, p. 92-3).

A juventude, então, se revelava um poderosíssimo exército de consumidores, livres dos freios morais e religiosos que regulavam a relação do corpo com os prazeres. Desligados de qualquer discurso tradicional que pudesse fornecer critérios quanto ao valor e à consistência de uma enxurrada de mercadorias tornadas, da noite para o dia, essenciais para a felicidade das pessoas. Essa transformação do jovem em fatia privilegiada do mercado consumidor, inaugurada nos Estados Unidos, e rapidamente difundida no mundo capitalista trouxe alguns benefícios e novas contradições. Por um lado, a associação entre juventude e consumo favoreceu o florescimento de uma cultura altamente hedonista, tornou-se também o mito da beleza, liberdade, sensualidade para todas as outras faixas etárias. Por outro lado, o jovem da atualidade é poupado de quase todas as responsabilidades.

Na sociedade pautada pela indústria cultural, as identificações se constituem por meio das imagens industrializadas, tendo como veículo a publicidade. Poucos, porém, têm um poder aquisitivo para adquirir todos os produtos, porém, tanto ricos quanto pobres se identificam com o ideal publicitário do jovem hedonista, belo, livre e sensual. É visível, portanto, que os jovens conquistaram um espaço nunca antes ocupado por eles. Estão sempre agrupados, livres e sem maiores responsabilidades.

Conforme Brandão e Duarte (1990, p. 12-3), com a explosão demográfica e a expansão econômica dos Estados Unidos, durante e após a Segunda Guerra

Mundial, a população norte-americana aumentou consideravelmente. Apesar do progresso e da industrialização, a sociedade norte-americana permaneceu com valores morais arcaicos e preconceituosos, criando um vazio e uma insatisfação na juventude, principalmente da classe média. A partir dos anos 60, continuam esses autores, a juventude passou a apresentar críticas mais contundentes à sociedade moderna, não só negando os seus valores, mas tentando criar e vivenciar um estilo de vida alternativo e coletivo contra o consumismo, a industrialização indiscriminada, o preconceito racial, as guerras, etc. Essa reação jovem é conhecida como 'contracultura', simbolizada principalmente pelos *hippies*. Esse movimento acaba se expandindo e se deixando assimilar e contribuindo, no sentido de despertar, para a discussão de assuntos até então adormecidos; como drogas, sexo, racismo, ecologia, paz e outros.

Calligaris (2000, p. 73), diz que o jeito estético do jovem atravessa as idades e o continente. O jovem tornou-se o ideal do adulto, é o ideal que espreita qualquer cultura que recusa a tradição e idealiza liberdade, independência e insubordinação. A juventude é um ideal para todas as idades e no mundo inteiro, ao menos no mundo ocidental. Ela é, então, um ideal cultural e ocupa o centro da atual cultura.

1.2.5 Impactos das tendências do mundo contemporâneo sobre os jovens

Os estudiosos do atual contexto da sociedade estão de acordo que a cultura contemporânea exerce forte influência sobre a juventude. As tendências que serão relacionadas abaixo são as que estão mais em evidência e estavam presentes em outras épocas e em pessoas adultas, mas aqui o foco é sobre a juventude: 1. Centralidade das emoções e relativização dos valores e das tradições: escolhas de experiências sem critérios absolutos. Valoriza-se mais o flexível, o momentâneo e

anseia-se por gozar o momento presente, com poucas perspectivas para o futuro. Têm dificuldades com o silêncio interior; 2. Uma geração de pouca leitura e da imagem, acostumada a estímulos constantes para manter sua atenção: uma geração *zapping* (com controle remoto da TV na mão), mudando de canal em canal para encontrar novos estímulos. Ao mesmo tempo, há necessidade de levar em conta que talvez esteja havendo mudança nos modelos de ler, por exemplo, através da *Internet*; 3. Não acredita em compromisso definitivo, no mundo do trabalho, nem na vida consagrada, nem na vida conjugal: tudo isso afasta e amedronta. Muda-se o modo de enfrentar os compromissos. Há grande dificuldade e medo em se escolher uma faculdade, uma profissão; em definir um projeto de vida; 4. Opção por relações interpessoais e horizontais: preferência por relações democráticas, de tolerância horizontal e aberta. Os grupos de amigos e 'a boa relação familiar' são muito valorizados. Há rebeldia diante de instituições 'retrógradas' e impaciência com autoridades despóticas. Percebe-se também o sentimento de pertença nas motivações e experiências horizontais e democráticas, menos segregação racial e preconceito; 5. Fragmentação da identidade: há grande confusão quanto à imagem de si mesmo e lugar de relações estáveis; 6. Maior entrosamento entre os gêneros masculino e feminino: homens que vivenciam harmoniosamente traços de feminilidade; mulheres que entram no mercado da força de trabalho em crescente igualdade de condições; 7. Enfoque da subjetividade: a pessoa está centrada quase unicamente em seus problemas e necessidades pessoais; 8. Desinteresse pela macro-política e grandes estruturas: maior inclinação pelas pequenas transformações do que de grandes obras ou revoluções; 9. Tendência ao sincretismo religioso e às formas religiosas ecumênicas: maior liberdade de expressão e dificuldades em viver vinculado a valores institucionais a uma estrutura

de paróquia e à figura da autoridade; 10. Tendência ao hedonismo e à vulnerabilidade psicológica: dificuldade de elaboração de momentos de frustração, do tempo de espera, das angústias, e opção preferencial pelo prazer e pela felicidade, entretenimento e consumo imediato. Não questiona a sociedade de consumo. Frente aos desafios e obstáculos que a vida, às vezes, apresenta, o jovem se sente tentado a desistir. Busca-se imperativamente a felicidade. Ao mesmo tempo, frente à ameaça da fragmentação, há um segmento da juventude que revela tendência de refugiar-se no conservadorismo ou até em certo fundamentalismo (CNBB, 2006, p. 40)³

Até aqui, procurou-se delinear o tema da juventude, destacando-se a controvérsia e amplitude na definição do termo, ora denominado adolescência, ora jovem, optando-se pela terminologia juventude; pois adolescência está mais próximo da infância e juventude mais próximo do adulto, logo sua inserção no campo social, o que nos levou a escolher pela definição de juventude como categoria social. Dentre os impactos das tendências do mundo atual é relevante salientar a centralidade das emoções e a relativização dos valores.

³ Willian César Castilho Pereira é psicólogo, professor da PUC-Minas. O texto apresentado é de sua inspiração e está no Anexo I do documento da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) – Evangelização da Juventude (2006, p. 40).

1.2.6 Importância do grupo para o jovem

Em meio a essa tempestade cultural, gerando transformações determinantes no curso da história, mas ao mesmo tempo, conseqüentemente, deixando um ser humano vazio e sem sentido para a vida, onde encontramos um jovem inseguro e fragmentado, é que um refúgio abriga neste momento de incertezas: são os grupos de jovens. Na idade da adolescência as relações sociais com iguais são muito valorizadas. As relações com outros jovens se dão com o nome de amizade. Amizade é um de seus assuntos preferidos e não só isso, a preferência pela amizade é algo que permanece na juventude. A amizade como laço social é fundamental na constituição do sujeito no decurso da juventude. De acordo com Froemming (1997, p. 114), as amizades, os amigos passam a ocupar um lugar privilegiado já na infância e que se intensifica à medida que vão crescendo. Isto se dá porque, segundo esta autora, este é um caminho de busca de identificação. A amizade, portanto, é algo da constituição do sujeito e do social e não alguma coisa que aparece deslocada e a base da amizade é a convivência. Segundo Libânio (2004, p. 31-2), a vida em grupo seduz os jovens. No grupo, é alguém. O grupo proporciona autonomia. Isto leva a preferir passar mais tempo nos grupos a estar em casa ou em outro espaço afetivo. Aqueles que foram rejeitados, dominados, superprotegidos ou supervalorizados na infância sofrem dificuldade de integração grupal. Carecem de cuidado especial que o grupo não percebe nem é capaz de oferecer. A identidade pessoal dentro do grupo cresce ou diminui respectivamente à medida que o jovem se sinta reconhecido, ou não, em outros lugares: família, escola, igreja, agremiação estudantil, política ou artística. Para Foracchi (1972, p. 27), nos grupos de jovens há uma forte ênfase da experiência comum, dos

valores mútuos, da identificação mútua que vincula estreitamente os jovens à vida grupal. É quase uma revivescência da vida comunitária, constituída por aqueles que se amam e respeitam, na qual persistem as sólidas amizades, onde a participação seja respeitável e digna para todos. Há na juventude moderna, não só o apelo para a vida comunitária, como também, em certos setores, uma verdadeira identificação com tal modo idealizado de vida, um vínculo que chega a ser emocional. Uma característica dos grupos jovens é a orientação para uma associação em moldes comunitários.

Portanto, a juventude chamou para si a atenção da sociedade, originalmente, como alvo de consumo pelo sistema capitalista. O consumismo se tornou uma cultura que carrega a promessa de felicidade, entretanto o que se nota é um jovem indeciso e frágil para enfrentar as dificuldades da vida e centrado em si mesmo. Talvez por causa dessa fragilidade, os grupos de amigos e a família se tornaram um ponto de apoio e segurança. Nos grupos, o jovem se sente acolhido e valorizado, uma vez que é acolhido e valorizado, ele começa a ter atitudes de respeito para com o outro, solidariedade e ajuda mútua. No grupo, então, ele faz a experiência da dimensão comunitária. A dimensão comunitária faz parte da religião. Também a religião é um ponto de apoio, que dá sentido à vida, segurança e desenvolve valores voltados para o altruísmo, contrastando-se com o individualismo. Este assunto é o que veremos a seguir.

1.3 RELIGIÃO E JUVENTUDE

A religião é uma das principais forças que dirigem a atividade humana, tanto individual quanto socialmente. Para o jovem, a religião é importante, ele a busca e encontra nela valores que têm influência em sua vida cotidiana.

Este item visa apresentar o conceito e as funções da religião, bem como as estratégias usadas pelas igrejas para transmitir seus valores aos jovens, bem como a dimensão comunitária; isto por que o objetivo desta pesquisa é fazer uma análise sobre a dimensão comunitária da religião na vida dos jovens estudantes do curso de Administração de Empresas.

1.3.1 Conceitos de religião

Uma das explicações da origem etimológica do termo religião é a seguinte: “religião vem de ‘religar’ e indica a vinculação do homem com sua origem e seu destino” (RAMPAZZO, 1996, p. 52).

Terrin (2003, p. 341), nos dá informação da

etimologia de *religio* [...] significaria nó de palha: as religiões eram ‘nós de palha’. Precisamente os que serviam para fixar em si as traves de uma ponte. [...] Elas (as religiões), constituem entrelaçamentos resistentes e persistentes, a um só tempo mutáveis e com grande força de conexão: têm uma força social inigualável e ao mesmo tempo fazem apelo a uma realidade transcendente; incomensurável, com base na qual se tornam ‘construtores de pontes’.

A religião faz parte do ser do homem; sem ela, ele fica mutilado da dimensão fundamental da própria existência.

Para o sociólogo Durkheim a “religião é um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas;

crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem”. (DURKHEIM, 1989, p. 79).

A religião, para este sociólogo, é inseparável da idéia de igreja, daí ser a religião uma coisa ‘eminentemente coletiva’. Uma igreja, segundo este autor, não é simplesmente uma confraria sacerdotal; é uma comunidade moral formada por todos os crentes da mesma fé, fiéis e sacerdotes (p. 77). A terminologia grega *ekklesia* quer dizer “assembléia, reunião, congregação, igreja. *Ekklesia* deriva-se através de *ek-kaleo*, que se empregava para a convocação do exército para reunir-se” (ESSER, 2000, p. 984). O dicionário escolar da Língua Portuguesa, por sua vez, define o verbo convocar como “chamar, convidar para uma reunião; mandar reunir; constituir” (BUENO, 1994, p. 299). *Ekklesia*, séculos antes da tradução da LXX e dos tempos do Novo Testamento,

era claramente caracterizada como fenômeno político, que se repetia conforme certas regras, e dentro de certo arcabouço. Era a assembléia dos cidadãos efetivos, e arraigava-se na constituição democrática, uma assembléia na qual se tomava decisões fundamentais, políticas e judiciais (ESSER, 2000, p. 985).

A partir do século II a C. o termo era empregado para a assembléia regular e mormente festiva, vinculada com uma refeição e um sacrifício, deve ser entendido como comunidade cúltica (p. 985).

A religião é o meio através do qual o indivíduo pode obter algumas de suas experiências mais profundas. Mas ela deve ser considerada em seus aspectos coletivos. Ao mesmo tempo em que é interpretada e sustentada individualmente, é compartilhada e transmitida socialmente, e nisso repousam algumas de suas importantes características.

1.3.2 Funções coletiva e social da religião

Conforme Hans Küng (*apud* Libânio, 2002, p. 55), “Tradição e comunidade são dimensões básicas para todas as grandes religiões” É praticamente impossível pensar em religião, sem passar pela dimensão comunitária. A força agregadora da religião se faz presente, contrastando-se com o individualismo tão presente na atualidade. Não se pode pensar a fé como uma realidade individual. Ela tem, sim, essa dimensão insubstituível de decisão livre e pessoal, mas recebe-se, vive-se e transmite-se no seio de uma comunidade. A fé de cada um alimenta a comunidade e é alimentada por ela.

De acordo com Häring (1960, p. 21), a vivência religiosa tira o ser humano da monotonia da massa e do anonimato da vida corrente. Entretanto, longe de o deixar só, dá-lhe a sensação, agradável e ao mesmo tempo perturbante, de ser interpelado por Deus, enriquecido com os dons de Deus, impelido ao diálogo e à doação de si mesmo. A vivência religiosa central, esse encontro com o Deus que oferece e exige comunidade, devolve logo o ser humano plenamente a si mesmo. Aqui começa ele a sentir, continua Häring (p. 21), seja ou não capaz de o exprimir, que o seu eu próprio está ligado ao tu divino, e que ele se torna ele mesmo plenamente enquanto estabelece comunicação com o Deus vivo. Pessoa e comunidade necessitam-se uma à outra, como dois pólos e como duas partes do mesmo todo. O ser humano não é primeiro pessoa, e depois, acessoriamente, um ser relacionado com Deus. Ele só é realmente ele mesmo porque Deus o chama pelo seu nome e só toma plena consciência da sua linhagem quando se sente amado e atraído por Deus. Para os cristãos, a Santíssima Trindade é a fonte primeira de toda a vida comunitária. Nela está prefigurada toda a verdadeira comunidade entre pessoas, não só

especificamente religiosa, mas também todo gênero de comunidade, como a família, as relações de amizade, a comunidade tribal, a comunidade de vizinhança, a nação e em geral.

Por conseguinte, a vivência religiosa é essencialmente criadora de comunidade, porque implica comunicação com o Deus vivo e de certo modo participação na sua íntima comunidade de amor. O homem religioso, em virtude de sua profunda vida interior, deverá necessariamente sobressair da massa; mas precisamente como homem singular, colocado acima das coisas deste mundo, exerce poderosa influência sobre os outros. Aqui pode-se citar três grandes fundadores das que ainda hoje são as principais religiões do mundo, o cristianismo (Jesus Cristo), o islamismo (Maomé) e o budismo (Buda). Mostram claramente a sua extraordinária atitude como gênios religiosos. Pela força de sua personalidade e em virtude da sua profunda vivência religiosa, atraíram as pessoas e rodearam-se duma comunidade de discípulos (HÄRING, 1960, p. 23-5). Ainda segundo este autor (p. 30), a religião significa, acima de tudo, comunidade de fé, comunidade de crença nas mesmas verdades religiosas. A comunidade é, pois, normalmente, o caminho para a aceitação da fé; e a fé aceita pessoalmente reforça, por sua vez, os laços que ligam o indivíduo à comunidade dos crentes. Sendo que um grupo tem mais poder para alcançar objetivos do que individualmente, na religião também isto se faz presente.

Durkheim, ao afirmar que 'a religião é inseparável da idéia de igreja' faz referência às 'religiões individuais que o indivíduo institui por si mesmo e celebra sozinho'. Elas estão presentes em todas as sociedades e são freqüentes na história, entretanto, continua este autor, "os cultos individuais constituem não sistemas religiosos distintos e autônomos, mas simples aspectos da religião" (1989, p. 77-8).

A palavra comunidade vem do grego *Koinonia* que quer dizer

‘associação’, ‘comunhão’, ‘comunidade’, ‘participação’. No mundo grego e helênico, *Koinonia* era um termo que significava a comunhão evidente e ininterrupta entre os deuses e os homens. *Koinonia* também significava a estreita união e laços fraternais entre os homens. *Koinonia*, portanto, virtualmente tem o sentido de ‘fraternidade’, e é expressão normal para a maneira de se constituir a vida social (SCHATTENMANN, 2000, p. 377).

Ainda de acordo com este autor (2000, p. 380), a *Koinonia* no texto bíblico no livro Atos dos apóstolos “Eles eram assíduos ao ensinamento dos apóstolos e à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (Atos 2, 42), pode ser entendida num sentido absoluto, como parte essencial da vida de adoração. Havia, portanto, quatro aspectos principais deste modo de vida. Neste caso, *Koinonia* poderia ser traduzida ‘comunhão’ ou fraternidade litúrgica na adoração. *Koinonia*, no entanto, expressa algo novo e independente. Indica unanimidade e unidade levada a efeito pelo Espírito. O indivíduo era completamente apoiado pela comunidade. No Novo Testamento, o amor é uma das idéias centrais que expressam o conteúdo total da fé cristã. “Deus, com efeito, amou tanto o mundo que deu o seu Filho, o seu único, para que todo homem que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3, 16). Este valor presente no cristianismo continua ao longo dos séculos. A grande força que move o ser humano é o amor. O amor encerra em si todas as vocações da pessoa. Pode-se dizer que o apoio é mútuo, pois o amor circula na comunidade. O amor sustenta a vida em comunidade. João Paulo II (1994, p. 40-1), diz que a comunidade se torna uma ‘*Schola Amoris*’ (escola de amor) para jovens e adultos, uma escola onde se aprende a amar a Deus, a amar os irmãos e com quem se vive, a amar a humanidade necessitada da misericórdia de Deus e da solidariedade fraterna. A fraternidade é uma construção contínua. Sempre é possível melhorar e caminhar juntos para a comunidade que sabe viver o perdão e amor. Aqui o papa

está se referindo à comunidade apostólica, mas estas orientações se amoldam às comunidades cristãs em geral. O amor, sendo a grande força que move o homem, move-o para ações como a paz, a justiça, a solidariedade, o serviço ao outro, a cooperação, enfim. Estas ações acontecem na comunidade, através da comunidade e pela comunidade. Estes são valores pelos quais se dá a formação religiosa dos povos, não só cristãos. No caso dos cristãos esta formação se dá através da liturgia (missa/culto), estudo e reflexão da Palavra de Deus, sacramentos, cursos, encontros.

Num contexto de individualidade, de pessoas fragmentadas e inseguras, a comunidade é a contraposição, é o sinal visível da cooperação, da unidade e proteção. A comunidade acolhe, alegra e questiona; inquieta, despoja e compromete.

A dimensão comunitária presente na religião pode transformar-se em sua maior força de atração diante do individualismo narcisista reinante, ao qual se une a preocupação com o próprio gozo. O princípio determinante é a busca insaciável de realidades prazerosas e o distanciamento de todo sacrifício, de toda renúncia ou disciplina dura. E todo compromisso comunitário implica, por parte de cada um, sua parcela de abnegação. Sem isso a comunidade não funciona. Uma comunidade não pode ser a soma de indivíduos egocêntricos.

O psicólogo Richard Wolman no seu livro *Inteligência Espiritual* (2002), insiste nos benefícios que uma vida em comunidade, definida 'pela presença e preocupação com os outros' pode alcançar. Para este autor

a energia psíquica que um grupo proporciona dificilmente pode ser subestimada. Desde cantar em coros de igreja a organizar sindicatos trabalhistas, a noção de conexão com outras pessoas em um grupo pode ser revigorante, animadora e criar um sentimento de significado e propósito (WOLMAN 2002, p. 244).

O ser humano não vive só, não é uma ilha, ele é um ser social. A existência humana é inevitavelmente uma atividade exteriorizante e toda sociedade está empenhada nesta empresa. E, conforme foi afirmado acima, sendo a religião eminentemente social, exerce influência sobre a vida do ser humano e conseqüentemente da sociedade. É relevante observar e analisar como a religião contribui na formação social das pessoas, em outras palavras, qual é a função social da religião. Este é o ponto que se objetiva tratar neste momento.

Em sua exaustiva pesquisa sobre a origem das religiões, condensada em sua obra *As formas elementares da vida religiosa*, Durkheim afirma que a religião não se “limitou a enriquecer, com certo número de idéias, um espírito humano previamente formado; ela contribui para formá-lo” (1989, p. 37-8). Este estudioso das religiões conclui que

A verdadeira função da religião não é nos fazer pensar, enriquecer nosso conhecimento, acrescentar às representações que devemos à ciência, [...] mas nos fazer agir, nos ajuda a viver. O fiel que comungou com o seu deus [...] é homem que pode mais. Ele sente em si força maior para suportar as dificuldades da existência para vencê-lo (DURKHEIM, 1989, p. 493).

Esta função da religião apresentada por Durkheim como uma necessidade humana, remete ao que Berger afirma sobre a função social da religião. Por não haver definições ou matrizes que definam, *a priori*, o quê e como é o ser humano. Ele é um ser inacabado ao nascer (BERGER, 1985, p. 17), assim, ele fica em aberto, por isso, abandonado à própria sorte. O caos seria insuportável. É aí que se abre espaço para o religioso, algo que permita constituir um sentido a toda existência formando a totalidade de um cosmos. Imerso na relatividade do mundo, ele precisa da segurança do absoluto. De acordo com Berger (1985, p. 40), a religião é aquilo que dá sentido à vida. O vocábulo ‘caos’ deriva de uma palavra grega que quer dizer

‘voragem’, e religião vem de uma palavra latina que significa ‘ter cuidado’. Geertz (1989, p. 114-21), apresenta três desafios: o caos, para ele, um túmulo de acontecimentos que ameaça o homem: nos limites de sua capacidade analítica, nos limites de seu poder de suportar e nos limites de sua introspecção moral. Diante da paisagem de sofrimento não se consegue dar uma explicação intelectual para tal fato (primeiro desafio); não havendo como evitar o sofrimento, a religião tem a função de mostrar como sofrer, como fazer da dor física, da perda pessoal, da derrota frente ao mundo ou da impotente contemplação da agonia alheia, algo tolerável, suportável, sofrível (segundo desafio); por fim, o terceiro desafio consiste em que o problema do sofrimento recai facilmente no problema do mal, o problema do mal concerne às ameaças a capacidade do ser humano de fazer julgamentos morais corretos⁴. A função social da religião, portanto, é dar sentido à vida do homem diante do sofrimento.

1.3.3 A formação religiosa do jovem

Para uma maior compreensão do jovem em relação ao aspecto religioso, apresentaremos a seguir o resultado de três pesquisas realizadas no Brasil: uma em Goiânia – GO (2004), outra em seis capitais de estados brasileiros e na capital federal (1997) e a terceira que atingiu jovens de todos os estados brasileiros (2005). Não seguimos a cronologia das datas da realização das pesquisas, porque optamos pela ordem crescente do número de jovens entrevistados. Por fim, serão elencados três tipos de comportamento dos jovens diante do religioso.

⁴ Apresentamos resumidamente os três desafios apontados por Geertz (1989, p. 114-21).

Uma pesquisa feita em 2001 em três instituições educacionais na cidade de Goiânia – GO (uma Escola Municipal, outra Estadual e a Faculdade de Pedagogia da Universidade Católica de Goiás), revelou que a religiosidade parece ser fundamental na constituição da sociedade e subjetividade juvenis.

Foram entrevistados 479 jovens (GUIMARÃES; CHAVES, 2004, p. 267). Do total dos entrevistados 91,2% informaram ter uma adesão a alguma religião e as mais citadas foram a católica (57,6%), a evangélica (27,7%) e a espírita (9,2%). Dentre os que têm adesão a alguma religião, 75,4% informaram que são praticantes, e 15% não o são. Há indícios de mudanças nesta dimensão, (3) aqueles que professam uma religião tendem a assumi-la e praticá-la (GUIMARÃES; CHAVES, 2004, p. 279 e 282).

A psicóloga Tânia Zagury (1997) realizou uma pesquisa mais abrangente sobre o jovem. Com o objetivo de ter uma visão nas áreas de família, profissão, lazer, sexo, religião, política e drogas, na década de 90, foram entrevistados em torno de mil estudantes entre quatorze e dezoito anos de idade, das classes A, B, C, D e E em seis capitais de importantes estados brasileiros, na própria capital federal (65,4%) e em nove cidades do interior (34,6%). Chama a atenção o resultado no aspecto religioso. Vejamos os resultados dessa pesquisa. Os resultados foram tratados e analisados estatisticamente, totalizando centenas de dados com muitas informações relevantes sobre o que pensa, como age, como vive o jovem brasileiro, estudante e/ou trabalhador. No que concerne à religião, ao serem indagados sobre a existência de Deus, os dados revelaram um alto índice, por parte dos jovens, de crença em Deus (92,95%). Apenas 1,65% afirma não acreditar, enquanto 5,2% estão em dúvida quanto à sua existência (ZAGURY, 1997, p. 217). Outra questão foi sobre o pertencimento a alguma religião. O levantamento mostrou que a maioria

absoluta dos jovens tem algum tipo de religião (87,1%), embora alguns tenham afirmado que apenas acreditam em Deus, num Deus pessoal, próprio e desvinculado de qualquer instituição religiosa (p. 215-6). Por fim, diante da pergunta sobre a freqüência à instituição religiosa que disseram pertencer, incluindo nesta questão, a freqüência com regularidade, se seguem seus preceitos, proibições e orientação na vida, o resultado da pesquisa foi: embora a maioria absoluta tenha uma religião (87,1%), apenas 16,7% se enquadram no item 'muito religioso', ou seja, seguem decididamente seus preceitos. É muito alto o índice dos que se dizem 'um pouco religiosos' (51,9%), isto é, vivem segundo alguns dos princípios e regras de sua igreja, freqüentando-a algumas vezes, mas não sempre. 20,9% se confessam 'muito pouco religiosos', quer dizer, têm religião, mas não a vive, enquanto 10% se posicionam como 'nada religiosos' (p. 216-7). Um aspecto que Zagury procurou verificar foi se existe alguma relação entre o nível sócio-econômico e a fé, e se os adolescentes trabalhadores seriam, mais ou menos, religiosos do que aqueles que não trabalham. Na comparação desses dados (religião X classe social; adolescentes que estudam X adolescentes que trabalham), não houve diferença significativa quanto à fé. Ou seja, o percentual de crentes e não-crentes independe do nível sócio-econômico e do fato de já participarem ou não da força de trabalho (p. 217-8). Quanto ao local de moradia, houve diferença significativa: o percentual de jovens que têm religião é maior nas cidades do interior do que nas capitais – 16,6% dos jovens da capital afirmam não ter religião, contra apenas 5,8% nas cidades do interior. A autora, a partir dos resultados da pesquisa, afirma que essa atitude do jovem está dentro da mesma perspectiva de auto-definição própria de sua idade. Ele quer, neste momento da vida, decidir se tem a mesma crença que seus pais. Seja em valores, forma de viver, modo de encarar e conviver com a sociedade ou em

relação à fé religiosa. A base ética e religiosa que tiver sido trabalhada com certeza deixou raízes, conclui Zagury.

O Projeto Juventude, sob responsabilidade do Instituto Cidadania, organizou uma ampla pesquisa no que concerne ao jovem, feita em todas as regiões do Brasil ano de 2003 (3501 jovens entre 15 e 24 anos). Conforme dados desta pesquisa, a religião ocupou um lugar surpreendente entre os assuntos que os jovens gostariam de discutir não só com os pais, mas também com os amigos e a sociedade. Além disso, na parcela de 15% de entrevistados que – por meio de respostas espontâneas e múltiplas – declararam participar de grupos de jovens, no topo do *ranking* estavam ‘os grupos de igreja’. Também nas respostas estimuladas sobre participação em associações e entidades, mais uma vez o ‘grupo religioso’ de destacou. Chamou a atenção, ainda, entre as coisas que eles mais gostam de fazer no fim de semana, o destaque para a alternativa ‘ir à missa ou culto’. Por fim, como compreender que entre os valores mais importantes para uma sociedade ideal um número significativo de jovens (em resposta única) destacasse o ‘temor a Deus’? (NOVAES, 2005, p. 263-4).

Esta pesquisa intitulada ‘Perfil da juventude brasileira’, que originou a obra *Retratos da juventude brasileira: análises de pesquisa nacional*⁵, mostra dados analisados por Novaes (2005), destacando o retrato dos jovens em relação às religiões: jovens católicos, jovens evangélicos, jovens sem religião e jovens espíritas, umbandistas e do candomblé. Este retrato, como é próprio da sociedade atual e mais particularmente do jovem, está em movimento: 1. Jovens católicos: os

⁵ A pesquisa ‘Perfil da juventude brasileira’ foi realizada pelo Instituto Cidadania, através do Projeto Juventude, no ano de 2003. Trata-se de um amplo levantamento quantitativo sobre esse contingente populacional com o objetivo de que o estudo tivesse representatividade estatística nacional e permitisse que a abordagem se desdobrasse na apresentação de resultados desagregados segundo as características regionais e outros aspectos fundamentais para melhor compreensão do que é a juventude brasileira. O livro *Retratos da juventude brasileira: análises de pesquisa* foi organizado por ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Paulo Martoni, publicado pelo Instituto Cidadania em 2005.

jovens católicos somaram 65% dos entrevistados, se distribuem pelas capitais, regiões metropolitanas, cidades de grande e médio porte, mas estão mais presentes nas cidades de pequeno porte; 2. Jovens evangélicos: os evangélicos históricos (batistas, presbiterianos, luteranos, episcopais, metodistas, anglicanos e os metodistas) são minorias no conjunto do país, mas nas regiões de migração são mais numerosos. De acordo com a pesquisa, os jovens evangélicos representam 5% e estão mais nas cidades de grande porte e nas capitais, enquanto que os evangélicos pentecostais (as duas denominações mais antigas no Brasil são Assembléia de Deus e Congregação Cristã do Brasil) representam 15% dos jovens entrevistados e se concentram mais em outras cidades das regiões metropolitanas do que nas capitais e cidades de médio porte; 3. Jovens sem religião: na referida pesquisa 10% disseram acreditar em Deus mas não têm religião e 1% declarou-se ateu ou agnóstico, estes jovens vivem mais nas regiões metropolitanas do que no interior, confirmando um dos velhos cânones que relaciona ateísmo com os ventos secularizantes da urbanização modernizadora; 4. Jovens espíritas, umbandistas e do candomblé: na pesquisa 'Perfil da juventude brasileira', 2% dos entrevistados se declararam espíritas kardecistas e apenas 1% dos entrevistados declarou-se adepto da umbanda e do candomblé. Em termos de escolaridade, os espíritas kardecistas estão entre os que mais alcançaram o nível superior, seguidos pelos evangélicos não-pentecostais e ateus. Isto, segundo a autora, se dá porque os espíritas sempre valorizaram o caráter científico da doutrina de Allan Kardec, são, portanto, filhos do racionalismo francês (NOVAES, 2005, p. 267).⁶

Libânio no seu livro *Jovens em tempos de pós-modernidade* (2004), apresenta três tipos de comportamento dos jovens diante do religioso: 1. Jovem fundamentalista; 2. Jovem (pós)-moderno religioso praticante; 3. Jovem em crise

⁶ Seguimos resumidamente os dados fornecidos por Novaes (2005, p. 267-75).

religiosa. O primeiro tipo, por causa do contexto de insegurança no qual está inserido, conseqüentemente, sentindo-se desamparado, inseguro e sem referência, busca movimentos eclesiais de cunho fundamentalista. Esses movimentos oferecem segurança, com propostas claras, firmes e sólidas, levando o jovem a ser muito dependente do orientador espiritual. Outras vezes, esses movimentos levam o jovem ao conservadorismo e/ou fanatismo. O segundo tipo, jovem (pós)-moderno religioso praticante, não se classifica como conservador ou fanático, mas permanece religioso e pratica sua fé no coração da modernidade e da pós-modernidade. Às vezes, esse jovem surpreende por uma vida espiritual e religiosa serena, sem deixar-se abalar pelos mísseis destrutivos da atualidade. São engajados nas suas igrejas, porém, precisam ser acompanhados por um adulto. São criativos e inventam iniciativas de cunho espiritual, intelectual, pastoral e social. Por fim, o terceiro tipo, são jovens que vêm de um ambiente religioso familiar e entram em crise por muitas razões. Isso acontece muito no meio universitário, quando ele se depara com as posições científicas, em geral, contrárias às religiosas. Somando-se a isso surge uma confusão no seu lado moral e sexual, exigindo, por parte das religiões, de modo particular, as tradicionais, renúncias e sacrifícios. A reação do jovem em crise é de ceticismo, repulsa, indiferença, aborrecimento, cansaço, não vendo utilidade na religião. O jovem, então, fica a questionar a validade de tais exigências. Na verdade, diz Libânio, há um descrédito geral das instituições de qualquer natureza perante a geração nova (p. 89-99).

Os dados apresentados, tanto na pesquisa feita por Guimarães e Chaves (2004), quanto por Zagury (1997) e pelo Instituto Cidadania (2005), deixam claro o interesse dos jovens brasileiros pela religião. Portanto, diante do que foi descrito, baseando-se principalmente nas diversas pesquisas realizadas, percebe-se que o

jovem é um ser religioso, acredita em Deus, embora sua prática nem sempre seja condizente com as normas ditadas pelas religiões, particularmente, as institucionalizadas, como apontou a pesquisa de Zagury. A pesquisa de Chaves e Guimarães não mostrou distância entre a adesão a alguma religião e a prática dos seus preceitos. É preciso considerar que, comparando a pesquisa de Chaves e Guimarães com a de Zagury, a pesquisa de Zagury foi mais abrangente em termos de extensão geográfica. Não se pode esquecer que na capital federal acentua-se uma realidade mais devotada ao misticismo e que a região de Goiânia é constituída por um povo tradicionalmente religioso. Observa-se que na pesquisa analisada por Novaes ficou demonstrado o interesse dos jovens por assuntos no campo religioso e surpreendente é a participação nos grupos de jovens, particularmente grupos de igreja. A pesquisa de Novaes revela, portanto, que a vida em grupo tem valor significativo para o jovem.

Praticantes ou não, questionando a validade das exigências peculiares à religião, o jovem da atualidade se mostra sensível ao aspecto religioso para a sua formação.

1.3.4 Estratégias das igrejas católica e evangélica para transmitir idéias e valores aos jovens

Se, por um lado, as três pesquisas anteriormente elencadas revelam que a religião é, sim, importante para o jovem, Libânio (2004), questiona o tipo de comportamento desse jovem e diz que há um descrédito geral das instituições, inclusive religiosas. Considerando o atual cenário profundamente marcado pela fragmentação, insegurança, individualismo, hedonismo, descontinuidade,

efemeridade, falta de referências, irracionalidade e conseqüentemente gerando um ser humano angustiado, triste, entediado, enfim, emocionalmente fragilizado, entretanto, talvez por causa de suas limitações, sempre buscou 'algo' para se apoiar. Buscou força na religião para aliviar o peso da luta cotidiana. Quais seriam, então, as estratégias que as religiões usam para atrair os jovens?

1.3.4.1 As estratégias da Igreja Católica

Entre os jovens, o censo de 2000 revelou uma diminuição daqueles que se declararam católicos (73%) (NOVAES, 2005, p. 265-66). A pesquisa 'perfil da juventude brasileira' feita em 2003, analisada por Novaes, aponta uma diminuição, passando a 65% da população jovem. Diante desse êxodo, a Igreja católica, não só toma consciência da constante evasão de seus fiéis no maior país católico do mundo, como olha para si mesma e revê sua maneira de evangelizar. Dom Sinésio Bohn, bispo de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, referindo-se à expansão das tantas seitas no Brasil diz que

Não adianta simplesmente dizer que algumas seitas são puro charlatanismo, que só aparecem onde tem igreja progressista, que é imperialismo americano. Temos mesmo é que revisar o trabalho da Igreja Católica (...). Elas fizeram a Igreja se mexer. Há trinta anos que deveríamos ter agido (VEJA, 16-05-90 *apud* MARIANO, 1999, p.14).

Após cinco séculos de hegemonia religiosa no Brasil, deparando-se com o crescimento vertiginoso de outras religiões, a Igreja Católica passou a ocupar mais espaços na TV, maximizar o uso evangelístico de sua extensa rede radiofônica, incrementar a participação dos leigos nas celebrações, revalorizar tradições populares e as pastorais social e de saúde, renovar ainda mais a liturgia (para além das inovações concebidas no Concílio Ecumênico Vaticano II). Estrategicamente

estimulada pela bênção papal, a Renovação Carismática, apesar de ostentar feições teológicas e métodos evangelísticos, tornou-se a grande arma do Vaticano para tentar conter o avanço pentecostal, combater a Teologia da Libertação e recuperar parte do rebanho desgarrado na América Latina (MARIANO, 1999, p. 12). O cardeal Joseph Ratzinger faz referência a vários Movimentos que estão surgindo na Igreja, não obstante os perigos que estes acarretam, levam, sobretudo, os jovens a uma adesão à Igreja.

Refiro-me ao Movimento Carismático, aos Cursilhos, ao Movimento dos Focolares, às Comunidades Neocatecumbais, à Comunhão e Libertação, etc. Certamente todos esses movimentos em geral também têm alguns problemas, em medida maior ou menor trazem também perigos. Mas isso acontece em qualquer realidade viva. Em número crescente, acontece-me agora encontrar grupos de jovens em que existe uma cordial adesão à fé integral da Igreja. Jovens que querem viver plenamente esta fé e que trazem neles mesmos um grande impulso missionário. [...] A alegria da fé que nela se experimenta traz em si algo de contagioso (RATZINGER, 1985 *apud* LIBÂNIO, 2001, p. 25-6).

Então, não só a Renovação Carismática Católica, embora esta tenha maior destaque, como os outros Movimentos citados, apesar de não terem surgido no seio da cúpula, mas surgiram 'por si só', como afirma o próprio Cardeal, têm sido, estrategicamente, formas de atrair o jovem para a Igreja. De acordo com D. Mariano (2003 *apud* Libânio, 2004, p. 198), os Movimentos têm mais sucesso que as paróquias para manter grupos de jovens, precisamente porque dispõem de um fio condutor mais claro. A espiritualidade, o carisma do fundador, a organização oferecem estrutura estável à qual os grupos se apóiam. Os movimentos conseguem continuar porque contam com uma retaguarda que permite a entrada de novos membros e suporta as ausências costumeiras, sem que o desânimo se apossa de todos.

1.3.4.2 As estratégias das igrejas evangélicas

A vida dos santos, certamente, já não atrai os jovens. A vida de ascetismo e austeridade que levaram não combina com o momento atual, que é do culto ao prazer. A salvação encontra-se, não mais na renúncia a si mesmo e no serviço ao próximo, mas nos *shopping centers* (igrejas), verdadeiros santuários que recebem caravanas de milhares de peregrinos desolados. Depositam toda fé e esperança nas inúmeras ofertas divulgadas pela deusa publicidade. Transportadas pelas asas do anjo mídia, que os deixam em êxtase pela constante adoração do bem supremo consumível e descartável presente nos tantos altares-vitrine que seduzem os olhares ávidos por novidades, na tentativa inebriante de viver o *carpe diem*, o gozo, o céu aqui na terra, não mais na eternidade. O corpo é templo da luz divina para brilhar, não mais pelo Espírito Santo, mas pelo espírito de onde emanam todos os dons e carismas para edificação do onipotente e onisciente deus mercado, presente e agindo na vida de todos, no entanto invisível aos olhos 'humanos'. Assim, de modo bastante inculturado, as igrejas pentecostais, de modo mais expressivo as neopentecostais recorrem a recursos estratégica e empresarialmente planejados, numa busca alucinante de clientes (adeptos) para suas organizações religiosas. Com um diagnóstico da realidade atual, desestruturada, desagregada, fortemente identificada pela emoção e rica em ofertas de soluções mágicas para os problemas, especialmente financeiros, e de doenças, as lideranças neopentecostais afirmam com toda 'fé' (e amor às ofertas e dízimos dos fiéis) que verdadeiramente o céu é aqui e agora, que, enfim, a pobreza, a doença e a solidão não fazem parte dos planos de Deus. No entanto são muitas as promessas de prosperidade em todos os sentidos.

Para os jovens, a programação evangélica na TV brasileira vai desde *clips* de bandas evangélicas de *rock*, *funk*, *rap*, pagode chegando à *internet*, com uma variedade de *sites* evangélicos. O movimento *Gospel* tornou-se uma 'indústria *gospel*'. Além da ampliação de programas de TV, empresa de *software*, fábrica de brinquedos, agências de turismo (para a 'terra santa'), emissoras de rádio. Multiplicaram-se as confecções com camisetas, CDs e partituras musicais. Diversificou-se a variedade do material escolar e objetos de uso pessoal e doméstico com mensagens cristãs (MARIANO, 1999, p. 213). O líder *gospel* converte muitos jovens. Nos *shows* evangelísticos da Renascer há muita paquera, dança e *frisson*. Vestidos com roupas e acessórios da moda, os jovens procuram realçar as formas corporais e a sensualidade. Descontraídos, vestidos de *jeans* e de folgadas camisetas com inscrições bíblicas, os pastores, à maneira dos apresentadores de programas de auditório, arremessam CDs e camisetas para a platéia. Enquanto dançam, imitando coreografias de danças profanas, os jovens não-convertidos são solicitados a entregar maços de cigarro e drogas que, quando atiradas ao púlpito são pisoteados e incineradas. Além de saracotear o corpo no embalo de *hits* evangélicos e de eventualmente arremessar drogas para o púlpito, vários convidados e curiosos acabam cedendo ao indefectível apelo emocional para aceitar Cristo como Salvador (MARIANO, 1999, p. 218).

Como se pode perceber, o rol de sacrifícios comportamentais não está presente neste tipo de culto. O ascetismo e a renúncia do mundo perderam terreno e sentido. Nas sociedades ocidentais industrializadas e urbanizadas, a religião cada vez menos cria um modo de vida peculiar. Para sobreviver à concorrência e superá-la, cada religião deixa de ser um fim em si para se configurar como meio para atingir fins definidos por demandas e imperativos seculares. O que se pede é apenas

participação, fidelidade e o vil metal, o que não é pouco. Em troca, promete a realização dos desejos dos fiéis, uma vida saudável, próspera, longa, feliz e vitoriosa. Vida ideal que, como diria Nietzsche, nega a condição humana (MARIANO, 1999, p. 223). Quanto ao apelo emocional vale lembrar Malinowski na obra *Magia, ciência e religião* (1988), ao assumir que tanto a magia como a religião surgem e resultam de situações de tensão emocional: crises da vida, lacunas em objetivos importantes, morte e iniciação nos mistérios tribais, infelicidade no amor e ódio não mitigado. A diferença é que a magia pode ser definida como

uma arte prática constituída por atos que são apenas meios para um fim objetivo que se espera vir a desenrolar posteriormente; religião como um conjunto de atos independentes que constituem por si próprios a realização da sua finalidade (MALINOWSKI, 1988, p. 90).

A magia, para este autor (p. 92-3), tem a função cultural de ritualizar o otimismo do homem, enaltecer a sua fé no triunfo da esperança sobre o medo. A magia exprime para o homem o maior valor da confiança em relação à dúvida, da firmeza em relação à indecisão, do otimismo em relação ao pessimismo. A magia é a personificação da sublime loucura da esperança.

Na realidade da sociedade contemporânea estão presentes sentimentos como o medo e a insegurança. Também o jovem vive esse estado de tensão emocional (com mais intensidade na fase da adolescência). Desse modo, as religiões neopentecostais procuram atrair os jovens, usando recursos que os atinjam neste momento de maior fragilidade emocional. As estratégias usadas por estas religiões, portanto, nos dão a possibilidade de concluir que, como no caso da magia, têm a função de infundir esperança e otimismo na vida dos jovens.

1.3.5 Juventude, religião e a dimensão comunitária

O que se propõe aqui é discutir a questão do jovem engajado numa religião. O que a religião oferece hoje sobre a dimensão comunitária? Como a dimensão comunitária é transmitida? Como os jovens recebem este valor? O que fica para o jovem?

Sendo a comunidade uma das dimensões básicas das grandes religiões, também no campo da juventude esta dimensão tem espaço relevante. Deste modo, a participação nas missas e/ou cultos, as reuniões de catequese, encontros, retiros, a participação em grupos jovens, constituem espaço privilegiado de socialização, uma vez que o conteúdo aí transmitido tem como base o amor ao próximo.

Uma pesquisa feita no Rio Grande do Sul com 730 jovens (GHISLENI; HESS, 1992, p. 15), mostrou que 71,37% gostam de participar das atividades religiosas e os motivos são diversos, porém o convívio social, amizade, paz consigo mesmo e com os outros, incentivo ao bem, ajudar os outros, crescer na organização, na união na integração figuram como importantes para suas vidas (GHISLENI; HESS, 1992, p. 28). Nesta mesma pesquisa, quanto à influência da religião no jeito de viver, o destaque foi para o relacionamento que se manifesta no jeito de ser consigo e com os outros, na amizade, na solidariedade, no perdão, na convivência social, no trato com os pobres, na comunidade, na escola, na família, na política, no trabalho, no diálogo, no respeito ao próximo (p. 47).

A dimensão comunitária da religião prima pela difusão e prática de valores como a solidariedade, a justiça e a paz. Estes valores são transmitidos através da realização de eventos como a missa, catequese e, sobretudo, através dos grupos de jovens. Um dos meios utilizados pela religião são os grupos de jovens. Estes

exercem grande atração sobre os mesmos; o que os atrai para o interior destes grupos é a amizade. Esta, segundo Libânio (2004, p. 215), cria e gera um clima de camaradagem entre seus membros. Através da amizade socializam-se afetivamente. Favorece-lhes afirmar a autonomia. O convívio entre eles humaniza-se. O jovem recebe estes valores que, por sua vez, influenciam em seu modo de viver. A vivência em comunidade, então, torna-se um espaço, onde se possa aprender e exercitar a prática das normas essenciais de relacionamento, primeiro entre eles mesmos, estendendo-se para outros segmentos da sociedade.

Neste capítulo procuramos delinear o cenário da sociedade contemporânea e a situação da religião nesse contexto. Na composição deste cenário, inserimos a categoria juventude e suas particularidades, como delimitação da idade, conceito e sua relação com a cultura, bem como o valor que o grupo tem para o jovem. Composto ainda este quadro, vimos que a religião, eminentemente coletiva, é uma realidade que permeia e influencia as ações cotidianas do ser humano; abordamos ainda a questão da religião relacionando-a com a juventude, particularmente a dimensão comunitária da religião.

2 JUVENTUDE E UNIVERSIDADE

As rápidas transformações econômicas, sociais e culturais e o intenso desenvolvimento tecnológico caracterizam a sociedade ocidental do século XX. Nesse contexto, as grandes empresas passam a exercer, cada vez mais, o poder e influenciam os mais diversos governos, norteando os rumos da economia e da vida social. No que diz respeito à nova realidade social continuamente surgem novos tipos de relações de trabalho e de estilo de vida. Nesta nova realidade os recursos humanos se tornaram uma das grandes preocupações das organizações nas últimas décadas. A pessoa é considerada, cada vez mais, o principal ativo da empresa, seu principal patrimônio, seu mais importante recurso. O envolvimento do ser humano é considerado fundamental para o sucesso dos mais variados modelos de gestão.

Ingressando cada vez mais cedo na universidade, o jovem vai se interagindo da realidade de cunho racional e capitalista, onde o “vale-tudo” para vencer acaba quase se tornando em algo natural e até legítimo. Uma vez inserido nesse contexto, falar e praticar valores como a justiça e a solidariedade, em certo sentido, é lutar contra a correnteza. Mas não se pode desistir, do contrário, a formação universitária teria um caráter apenas utilitarista e os estudantes perderiam sua essência de seres humanos, de seres relacionais, dependentes uns dos outros para se realizarem. Neste capítulo abordaremos a questão da universidade, procurando compreender o atual paradigma no qual estão pautados seus objetivos. De modo mais específico, apresentaremos o curso de Administração de Empresas, focalizando neste a importância do trabalho em equipe, como fator determinante para o êxito da organização empresarial. No decorrer deste capítulo retomaremos o objeto de nossa

pesquisa, a dimensão comunitária na religião, como aquela que pode dar sua contribuição no que se refere ao desenvolvimento da pessoa como ser relacional.

2.1 A UNIVERSIDADE HOJE

Ao se falar em universidade na atualidade, ficam evidentes dois pontos: por um lado, a característica predominantemente mercadológica, por outro, a posição de alguns autores discutindo sobre a necessidade de recuperar o caráter peculiar da universidade, como lugar de formação do ser humano, da reflexão e do pensar. Aqui apresentaremos a definição de universidade, bem como um breve histórico desta, procurando compreender suas funções, voltando nosso olhar para o jovem estudante do ensino superior.

Buarque (1994, p. 20-1) diz que, desde a época de seu nascimento como até hoje a universidade é definida como “uma associação de alunos e professores visando fazer avançar o conhecimento.” Duas características básicas, segundo este autor (1994) já estavam presentes: o objetivo do estudo livre e o caráter associativo dos estudiosos em um grupo. Mais dois outros aspectos são igualmente fortes: o desejo de assegurar liberdade às atividades que praticavam e a necessidade de um fórum particular para os debates.

De acordo com Síveres (2006, p. 118-9), o conhecimento era embebido pelo processo filosófico manifestado pela criação da Academia de Platão e do Liceu de Aristóteles. Com o surgimento do cristianismo e sua transformação em religião oficial do Estado, a construção do conhecimento passou da filosofia para a teologia. A teologia passa a ser então, a resposta última de toda a realidade. Isto se deu no primeiro milênio do cristianismo. Ainda que a história permaneça certo tempo

transcorrendo sem grandes transformações, ocorrem irrupções que dividem seu percurso. Assim sendo, entra em vigor um novo paradigma: o paradigma da *scienza nuova* (nova ciência).

Conforme Síveres (2006, p. 120), a universidade nasceu na Europa, no século XII. Por ocasião do seu nascimento, apesar do predomínio do modelo escolástico, estava em andamento um processo de transição, de mudança e de crise. Foi assim que na realidade europeia aconteceu um movimento de transição do feudalismo para o renascimento, da racionalidade eclesiástica marcada pelos espaços conventuais da cristandade para a obra dos judeus e muçulmanos que retomavam a filosofia clássica dos gregos. Ainda segundo esse autor (2006), nesse processo de mudança surgiu a universidade como *studia generalia* (estudos gerais), constituída por um espaço chamado *universitas* (universidade), com a missão de criar saberes que serviriam para uma nova compreensão do mundo. O momento era de transição: do rural para o urbano, do dogma teológico para a racionalidade filosófica, do mundo divino para o mundo do humano, da Idade Média para o Renascimento. No entanto, depois de algum tempo, a universidade começou a se acomodar com a simples interpretação do pensamento que os gregos haviam criado e ela foi perdendo seu papel mais inovador, a ponto do Renascimento tornar-se apenas um movimento artístico e científico preocupado com o retorno à Antiguidade Clássica. Esse movimento aconteceu fora da universidade e os descobridores, conquistadores, pintores e inventores surgiram e se formaram em escolas independentes.

De acordo com Luckesi (1997, p. 32-3), no século XVIII surge o movimento iluminista que questiona o tipo de saber estribado nas '*summas medievais*'. Será, então, o século XIX, com a nascente industrialização, o responsável pelo 'golpe' à

universidade medieval e pela entronização da universidade napoleônica – na França – caracterizada pela progressiva perda do sentido unitário da alta cultura e a crescente aquisição do caráter profissional, profissionalizante, na linha do espírito positivista, pragmático e utilitarista do Iluminismo. A universidade napoleônica, além de surgir em função de necessidades profissionais, estrutura-se fragmentada em escolas superiores, cada uma das quais isolada em seus objetivos práticos. Entretanto, continua esse autor (1997), ao lado da universidade napoleônica surge também, em consequência das transformações impostas pela industrialização, uma outra mentalidade endereçada para a pesquisa científica. Há como que um despertar da letargia intelectual vigente e a universidade, então, tenta retomar a liderança do pensamento, para tornar-se centro de pesquisa. O marco dessa transformação ocorre em 1810, quando da criação da Universidade de Berlim (Alemanha), por Wilhelm von Humboldt.

A proposta de Humboldt constituía num projeto de universidade que tinha a identidade definida pela liberdade de ensinar e aprender. Sua missão era a formação que não consistia na simples aquisição de conhecimentos pelos indivíduos, mas na formação de um sujeito legitimado pela sua autonomia e pela sua contribuição para a convivência humana e social. Esse novo modelo universitário teve influência da Revolução Francesa. Após o modelo humboldtiano de produção e difusão do conhecimento, surge um novo paradigma entre os séculos XVIII e XX, caracterizado pelo aperfeiçoamento técnico, possibilitando a produção em larga escala, o emprego da energia mecânica, a ampliação das relações de mercado, a especialização da mão-de-obra e a divisão do trabalho. Esse contexto influenciou o projeto universitário norte-americano, quando essa instituição foi concebida como uma organização prestadora de serviços à sociedade, compreendidas essas

ocupações como um investimento para garantir o progresso do país (SÍVERES, 2006, p. 121).

Este breve histórico sobre a finalidade da educação e da instituição educadora pode ser assim esquematizado: na idade antiga, paradigma do conhecimento (normatizado pela filosofia); na idade moderna, paradigma da ciência (normatizado pela pesquisa); na idade contemporânea, paradigma da tecnologia (normatizado pelo desenvolvimento da técnica). Este último paradigma, ou seja, o atual, segundo Roca (1999, p. 35 *apud* Síveres, 2006, p. 124-5), é caracterizado por três grandes reduções: 1: Predomínio do saber instrumental, 2: Centralidade na competência técnica; 3: Obsessão pela especialização em detrimento, respectivamente, das humanidades, da realização pessoal e da sabedoria da vida.

Buarque (1994, p. 27), diz que, em todo o mundo, a segunda metade do século XX foi o período de máximo crescimento da universidade. O futuro pode vir a dizer que este foi o tempo da universidade, pelo crescimento do número de universidades, e de unidades em cada uma delas, pela massificação do número de alunos e pela profissionalização de seus professores. Pode-se dizer que a universidade da segunda metade do século XX é uma universidade carreirista.

A filósofa Marilena Chauí, na sua obra *Escritos sobre universidade* (2001), faz referência à questão da universidade que originalmente era uma instituição social e que passou a ser uma organização social. Desde seu surgimento [...], “a universidade sempre foi uma *instituição social*, isto é, *uma ação social*, uma prática social no reconhecimento público de sua legitimidade e de suas atribuições” (CHAUÍ, 2001, p. 184-5). A legitimidade da universidade moderna fundou-se na conquista da idéia de autonomia do saber em face da religião e do Estado, portanto, na idéia de um conhecimento guiado pela própria lógica. Para esta filósofa (2001), passar da

condição social à de organização social ou passar da condição de instituição social à de entidade administrativa significa, não só no caso da universidade, remeter ao momento da atual sociedade. O movimento do capital tem a peculiaridade de transformar toda e qualquer realidade em objeto do e para o capital, convertendo tudo em mercadoria destinado ao mercado e por isso mesmo produz um sistema universal de equivalências, próprio de uma formação social baseada na troca de equivalentes ou na troca de mercadorias pela mediação de uma mercadoria, o dinheiro, como equivalente universal. Esta prática mercadológica se estende até a universidade. Acredita-se que é possível dirigir a universidade segundo as mesmas normas e os mesmos critérios que se administra uma montadora de automóveis ou uma rede de supermercados, diz Chauí.

Ao fazer uma reflexão sobre a idéia da universidade passar de instituição social à organização prestadora de serviços, Chauí (2001, p. 188-90), diz que a forma atual do capitalismo se caracteriza pela fragmentação de todas as esferas da vida social, partindo da fragmentação da produção, da dispersão espacial e temporal do trabalho, da destruição dos referenciais que balizam a identidade e as formas de luta de classes. A sociedade aparece como uma rede móvel, instável, efêmera de organizações particulares definidas por estratégias particulares e programas particulares, competindo entre si. Assim, a permanência de uma organização depende muito pouco de sua estrutura interna e muito mais de sua capacidade de adaptar-se a mudanças rápidas, daí o interesse pela idéia de flexibilidade, que indica a capacidade adaptativa a mudanças contínuas e inesperadas.

A passagem da universidade da condição de instituição à de organização insere-se na mudança geral da sociedade, sob os efeitos da nova forma de capital, e ocorreu, segundo esta autora, em três etapas sucessivas: 1. A universidade

funcional, dos anos 70 – época da abertura indiscriminada de cursos superiores, como promessa à classe média, despojada de poder pela ditadura, de prestígio e ascensão social por meio do diploma universitário. Esta universidade foi aquela voltada para a formação rápida de profissionais requisitados como mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho; 2. Universidade de resultados, dos anos 80 – é a mesma gestada nos anos 70, mas trazendo novidades. Em primeiro lugar, a expansão para o ensino superior através das escolas privadas; em segundo lugar, a introdução da idéia de parceria entre a universidade pública e as empresas privadas. Eram os empregos e a utilidade imediata das pesquisas que garantiam à universidade sua apresentação pública como portadora de resultados; 3. Universidade operacional, dos anos 90 – esta difere das duas anteriormente citadas. A universidade clássica estava voltada para o conhecimento, a universidade funcional estava voltada diretamente para o mercado de trabalho e a universidade de resultados estava voltada para as empresas. A universidade operacional, por ser uma organização, está voltada para si mesma como estrutura de gestão e de arbitragem de contratos. Regida por contratos de gestão, avaliada por índices de produtividade, calculada para ser flexível, a universidade operacional está estruturada por estratégias e programas de eficácia organizacional. O aumento insano de horas-aula, a diminuição de tempo para mestrados e doutorados, a avaliação pela quantidade de publicações, colóquios e congressos, a multiplicação de comissões e relatórios revelam o quadro deste modelo de universidade. Portanto, a universidade, hoje, tem se apresentado não mais com a única finalidade de formar indivíduos na sua totalidade ou de praticar atos de pensar e refletir; a universidade como instituição social, passou a ter um caráter empresarial, tornando a educação semelhante a uma mercadoria cambiante.

2.1.1 As funções da universidade

De modo geral, as funções da universidade atualmente são três: pesquisa, ensino e extensão. Fávero (1997, p. 13), diz que a universidade deveria estar basicamente voltada para a pesquisa e o ensino. Deveria ser o lugar por excelência de inovação da ciência e de aceleração do saber nos diversos campos. Através da pesquisa, o estudante adquire o cabedal de conhecimentos relativos a uma formação profissional e também se familiariza com o método científico. O desejo e a necessidade de inovar e criar dentro da universidade é alimentado através da pesquisa. A investigação científica deve ser colocada ao lado das tarefas de ensino, estabelecendo, assim, um vínculo entre pesquisa e ensino. Uma das formas, para esta autora (1997, p. 14-5), de a universidade desempenhar as funções de ensino e pesquisa é através da formação de profissionais liberais e especialistas altamente qualificados nos diversos campos do conhecimento. Esta formação profissional, não deve ser voltada apenas para o mercado de trabalho, mas também para os outros problemas da sociedade. A outra função apontada por Fávero (p. 16), é a extensão ou prestação de serviços à comunidade. A extensão consiste em transmitir o saber universitário aos que não estão dentro da instituição, é, portanto, a conexão entre a universidade e os diversos setores da sociedade.

De acordo com Kourganoff (1990, p. 30), são muitas as funções de uma universidade, mas na medida em que o desenvolvimento cultural, econômico e social passa necessariamente pela formação de homens a função fundamental da Universidade é a função formadora. E essa função só será desenvolvida eficazmente se se apoiar sobre uma organização perfeitamente coordenada de todas as categorias do ensino, lembrando este autor que não se pode restringir o

papel da Universidade ao ensino: não se trata apenas de formar homens, mas também de promover o progresso dos conhecimentos através das pesquisas. Muitos professores universitários, segundo Kourganoff (1990), consideram que a missão da pesquisa é 'mais nobre e mais bela' que todas as outras. Para eles, o papel da Universidade seria menos o de formar homens que o de enriquecer permanentemente o patrimônio cultural. Para este autor (1990, p.33-4), são quatro os principais tipos de formação: 1. Formação para a capacitação profissional: é a que melhor corresponde ao mesmo tempo às ambições dos estudantes e às necessidades da economia. Na medida em que as necessidades 'profissionais' de cada época são inteiramente condicionadas por todos os âmbitos da vida econômica e social, não se pode deixar de levar em consideração este tipo de formação; 2. Formação de docentes em todos os níveis: a formação de professores deverá se desenvolver, sobretudo, em função cada vez maior de docentes em todos os níveis, particularmente daqueles que podem proporcionar formações de tipo 'profissional'; 3. Formação de pesquisadores: aqui os problemas de rendimento e de orientação seletiva se tornam particularmente difíceis, pois os critérios de seleção são mais falhos do que em qualquer outra parte. Quanto ao rendimento, é mais difícil a previsão porque o desenvolvimento da pesquisa está sujeito a opções políticas de grande instabilidade; 4. Formação cultural: este tipo de formação está perdendo velocidade. Trata-se da educação cultural que não está voltada para nenhuma preparação profissional em particular, mas da qual todos têm cada vez mais necessidade para melhor se adaptar ao mundo cambiante que nos cerca. Uma outra função que este autor aborda é a função do comportamento e do caráter como sendo inerente à educação, mas, sobretudo, no nível universitário, trata-se de ensinar o estudante a se adaptar ao trabalho em equipe. É evidente que o trabalho

solitário não perdeu sua importância. Somente na concentração mais prolongada, no silêncio e recolhimento mais absolutos que as idéias podem ser cristalizadas e atualizadas. Diante de uma especialização cada vez mais estrita, sobretudo nas ciências, o trabalhador deve aprender a integrar, sem muitas vacilações, o produto de uma investigação solitária e de uma criação individual ao trabalho de equipe (KOURGANOFF, 1990, p. 40).

A universidade, portanto, tem funções não só no campo científico, como também abrange a questão comportamental e de caráter dos estudantes, voltando-se, sobretudo, para o trabalho em equipe. Uma das formas para desenvolver esta atividade é através da busca do transcendente.

2.1.1.1 A transcendência na educação

O ser humano é um ser transcendental; ele é corpo, mas também é espírito. Ele crê e, portanto, busca, 'algo' mais além da matéria. A dimensão comunitária da religião, se apóia no transcendente. É em Deus que está sua origem e é por Ele que os membros da comunidade pautam suas ações de solidariedade, criando laços fraternais. Na comunidade (comum unidade) se sentem 'um', relacionando-se uns com os outros procurando o bem de todos. A educação, apoiando-se em quatro pilares definidos por ocasião da Conferência Internacional sobre Educação⁷, busca a formação integral do estudante, incluindo nesta formação a espiritualidade.

Conforme Delous (2001, p. 89-104), os quatro pilares são: 1. Aprender a conhecer (visa não o acúmulo de conhecimento, mas, antes, o domínio dos próprios

⁷ Esta Conferência foi realizada na cidade de Jomtiem, Tailândia, em 1990, patrocinada pela UNESCO. Ao final foi elaborada a *Declaração Mundial sobre a Educação* para todos. Os quatro pilares da educação foram definidos por ocasião desta Conferência (DELOUS, 2001, p. 83).

instrumentos do conhecimento; é o aprender a aprender); 2. Aprender a fazer (trata-se de ensinar ao estudante como colocar em prática a sua formação profissional, inclusive quanto às relações interpessoais e à capacidade de manter unida uma equipe); 3. Aprender a viver com os outros (é sair de si, colocar-se no lugar do outro, com espírito de cooperação e solidariedade); 4. Aprender a ser (esta é a ‘via essencial’ que integra os três pilares precedentes: a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade). Nestes pilares, conforme Delous (2001, p. 90), estão presentes múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta; eles permeiam todas as fases da vida e não se limitam a um único lugar (p. 101).

O pilar ‘aprender a ser’ foi largamente trabalhado por Maria Cândida Moraes na sua obra *O paradigma educacional emergente* (2003). Esta educadora está convicta de que não se pode separar o corpo do espírito. Para esta autora (2003, p. 175) há uma emergência do espiritual, pois não há vida material separada da espiritual. Alimentar a espiritualidade, segundo Boff (*apud* Moraes, 2003, p. 176), é cuidar do espaço interior ao qual todas as coisas se ligam e religam, superar os compartimentos estanques e vivenciar as novas realidades, perceber que existe além daquela realidade, uma Última Realidade, conhecida pelo nome de Deus. Neste sentido Moraes (p. 177), afirma que ciência e espiritualidade implicam-se mutuamente, o que indica que adquirimos conhecimento utilizando não apenas os caminhos da ciência, mas também nossa intuição, nossa interioridade, nossas experiências e vivências interiores e exteriores. Esta autora acredita que é preciso superar a fragmentação tão presente na atualidade e integrar os conhecimentos parciais, promovendo assim, um conhecimento mais global.

Com a evolução do conhecimento e a necessidade de superação da fragmentação que a mente humana vem promovendo, a qualidade educativa envolve também um esforço para integrar e correlacionar disciplinas, na busca de uma axiomática comum entre elas. Requer uma nova pedagogia, uma nova metodologia, que visam à integração de conhecimentos parciais na procura de um conhecer mais global (MORAES, 2003, p. 196).

Transcender significa ir mais além, ultrapassar, superar. O atual modelo de ciência, decorrente da teoria da relatividade e da física quântica, está revolucionando não apenas as questões epistemológicas, mas toda a compreensão a respeito dos fenômenos da natureza, ao projetar uma nova visão de mundo unificado, integrado, dinâmico, holístico, espiritual.

É um paradigma que reconhece as realidades interna e externa do indivíduo como partes integrantes de uma mesma unidade, uma única realidade, dois lados de uma mesma trama, de um mesmo tecido, que reflete assim um ser que, além de sua dimensão humana, tem também uma dimensão espiritual, na qual o espírito desempenha um papel ativo e organizador, essencial para a construção do conhecimento. Como um ser espiritual, ele está envolvido numa construção individual e coletiva, que envolve uma dimensão individual e também social.

É um modelo educacional que busca [...] um relacionamento entre homens e mulheres baseado no sentido da unidade, da totalidade, da fraternidade, do amor, da compaixão, da paz, e não da fragmentação e na ilusão das diferenças. [...] É uma proposta educacional que compreende a ciência não apenas como mediadora das interações entre os raciocínios concreto e abstrato, dos métodos indutivos e dedutivos, dos sentidos que registram os dados observáveis e que os ordenam em esquemas de ações significativas. Mas uma ciência que vai muito mais além, [...] uma ciência que se une à espiritualidade com base na compreensão da unidade e na interligação de todos os seres (MORAES, 2003, p. 205-6).

Vivendo estes aspectos o ser humano terá força interior e também serenidade e paz de espírito. Existindo paz dentro da pessoa, ela pode então potencializar essa energia e fazer um uso mais construtivo dela e da capacidade em prol da coletividade. Isso requer necessária e coerente mudança de valores, que destaque a ética da austeridade, a solidariedade, a tolerância, a compaixão, o respeito e o multiculturalismo.

Essa busca de unidade, totalidade e amor pode se inspirar no paradigma vivido comunitariamente na religião. A religião, essencialmente comunitária, e valorizando o ser humano na sua totalidade pode e dá a sua contribuição na formação do jovem, particularmente na experiência do aprender a viver juntos ação/cooperação A universidade, por sua vez, ao propor a universalidade do saber, pode incluir entre as suas funções (além da pesquisa, ensino e extensão) a função integradora e transcendental, resgatando, assim, os paradigmas: do aprender a conhecer, do aprender a fazer, do aprender a viver juntos e do aprender a ser.

O resgate destes pilares pode intensificar particularmente no curso de Administração de Empresas que, como veremos, prima pelas relações humanas. As relações humanas se tornaram complexas, difíceis de serem gerenciadas, diante da complexidade do momento atual, marcado pela intolerância, individualismo e busca dos próprios interesses. O trabalho em equipe se tornou imprescindível nas empresas. Sem uma equipe integrada, que busque um único objetivo, enfim, que trabalhe coletivamente, a empresa não sobrevive. A motivação para enfrentar este desafio pode ser inspirada na experiência da dimensão comunitária na religião, esta, por sua vez, originou-se em Deus.

2.2 O CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

As instituições que compõem a sociedade não vivem ao acaso. Elas precisam ser administradas. Essas instituições são chamadas organizações. As organizações, de acordo com Chiavenato (1999, p. 1), são constituídas de recursos humanos (pessoas) e de recursos não-humanos (recursos físicos e materiais, recursos financeiros, recursos tecnológicos, recursos mercadológicos, etc.). Existem

organizações lucrativas (chamadas empresas) e organizações não-lucrativas (como o Exército, a Igreja, os serviços públicos, as entidades filantrópicas, etc.). O objetivo aqui é apresentar a organização enquanto empresa, portanto, organizações que existem com a finalidade de obterem lucro financeiro. Este lucro vem a partir da prestação de um serviço por determinada pessoa. A dinâmica empresarial envolve, portanto, pessoa, serviço e lucro. A seguir apresentaremos o conceito e um breve histórico da administração, bem como o perfil do estudante deste curso.

2.2.1 Conceito de Administração

Ainda que não de forma sistematizada, a administração existe desde a Antigüidade e a palavra tem sua raiz no latim. De acordo com Chiavenato (1994),

a palavra administração tem sua origem no latim (*ad*, direção para, tendência: *minister*, comparativo de inferioridade; e sufixo *ter*, que serve como termo de comparação; significando subordinação ou obediência, isto é aquele que realiza uma função abaixo do comando de outrem, aquele que presta um serviço a outro) e seu significado original implica subordinação e serviço. Em sua origem, a palavra administração se refere a uma função que se desenvolve sob o comando de outro, de um serviço que se presta a outro (CHIAVENATO, 1994, p. 3).

As pessoas constituem um dos elementos básicos da administração. Os departamentos de recursos humanos vêem as pessoas como recursos vivos e inteligentes. De acordo com Chiavenato (2004, p. 37), as pessoas nos dias de hoje são o mais importante recurso organizacional e fator determinante do sucesso empresarial, porque as pessoas prestam serviço e há uma exigência ímpar para que este serviço seja prestado com o máximo de eficiência.

A administração constitui o resultado histórico e integrado da contribuição cumulativa de numerosos precursores, filósofos, físicos, economistas, estadistas e empresários que no decorrer dos tempos, foram, cada qual no seu campo de

atividades, desenvolvendo e divulgando as suas obras e teorias. Referências pré-históricas acerca das magníficas construções erigidas durante a Antigüidade no Egito, na Mesopotâmia, na Assíria, testemunham a existência, em épocas remotas, de dirigentes capazes de planejar e guiar os esforços de milhares de trabalhadores em monumentais obras que perduram até os nossos dias. Na China, as parábolas de Confúcio sugerem práticas para a boa administração pública (CHIAVENATO, 2001, p. 31). A Bíblia conta os conselhos de Jetro, sogro de Moisés e sacerdote de Mádiam que, notando as dificuldades do genro em atender o povo e julgar as suas lides, sugeriu que delegasse autoridade a chefes de 1.000, chefes de 50 e chefes de 10 pessoas para que o representassem e passassem a exercer jurisdição, conforme o nível de competência delegada. Todas as causas simples, julgam-nas eles mesmos, enquanto apenas as mais graves trouxeram-nas a Moisés (Ex 18,19-23).

A administração recebeu influência da filosofia, desde os tempos da Antigüidade. O filósofo grego Sócrates (470-399 a.C.) em sua discussão com Nicomaquides, expõe o seu ponto de vista sobre a Administração como uma habilidade pessoal separada do conhecimento técnico e da experiência.

Platão (429-347 a.C.), discípulo de Sócrates, analisou os problemas políticos e sociais decorrentes do desenvolvimento social e cultural do povo grego. Em sua obra, *A República*, expõe a forma democrática de governo e de administração dos negócios públicos.

Aristóteles (384-322 a.C.), discípulo de Platão, deu o impulso inicial à filosofia, cosmologia, metafísica, lógica e ciências naturais, abrindo as perspectivas do conhecimento humano. Aristóteles baseava seu sistema de lógica binária em uma lei fundamental, o princípio da não-contradição: qualquer coisa só pode ser ela mesma (A só pode ser A). O céu é azul ou não-azul. Não há nada entre essas afirmações.

Essa lógica derivada da matemática pitagórica era uma maneira de estender o método de matemática passo a passo para o raciocínio em geral. A matemática produz a certeza e isso dá sustentação ao racionalismo e à lógica que seriam os alicerces da cultura ocidental e que influenciariam poderosamente a teoria administrativa até meados do século XX (CHIAVENATO, 2001, p. 34).

A Igreja Católica é a organização que mais contribuiu para a ciência administrativa por ter sido o exemplo primeiro que as demais organizações formais, que vieram depois, seguiram quase sem modificações. Isso se aplica pela enorme longevidade organizacional (2000 anos de existência), extrema simplicidade (todas suas normas podem ser extraídas da Bíblia e quando muito, do código canônico), abrangência geográfica (primeira organização global que se tem notícia), poucos níveis hierárquicos (padres, bispos, arcebispos, cardeais e papa, basicamente), um CEO (*Chief Executive Officer*) vitalício (o papa), capacidade de adaptar-se constantemente ao meio ambiente. O fato de ter sido a primeira organização formal, também lhe garantiu uma vantagem competitiva como modelo para as organizações que se seguiram, difícil de ser superada (BARROS NETO, 2001, 12-3).

A administração revela-se, nos dias de hoje, como uma das áreas do conhecimento humano mais impregnadas de complexidade e de desafios. O profissional que utiliza a Administração como um meio de vida pode trabalhar nos mais variados níveis de organização: desde o nível hierárquico de supervisão elementar até o nível de dirigente máximo da organização: a administração da produção (dos bens ou dos serviços prestados pela organização), a administração financeira, a administração de recursos humanos, a administração mercadológica ou ainda a administração geral. Em cada nível e em cada especialização da administração, as situações são altamente diversificadas. Por outro lado, as

organizações são também extremamente diversificadas. Não há duas organizações iguais, assim como não existem duas pessoas idênticas. Cada organização tem seus objetivos, ramos de atividade, dirigentes e seu pessoal; seus problemas internos e externos, seu mercado, sua situação financeira, sua tecnologia, recursos básicos, sua ideologia e política de negócios. Numa época de complexidade, mudanças e incertezas, como a que se vive hoje, a Administração tornou-se uma das mais importantes áreas de atividade humana. Na civilização atual o esforço cooperativo do ser humano é a base fundamental da sociedade. Segundo Chiavenato (1999, p. 7), a tarefa básica da Administração é a de fazer as coisas por intermédio das pessoas. Interpretar os objetivos propostos pela empresa e transformá-los em ação empresarial através de planejamento, de organização, de direção e de controle de todos os esforços realizados em todas as áreas e em todos os níveis da empresa, a fim de atingir tais objetivos, são também tarefas da Administração (CHIAVENATO, 1994, p. 3).

Como a dimensão comunitária enfoca o exercício do respeito ao outro, da reciprocidade, solidariedade e união, o sucesso de uma organização empresarial depende da prática do trabalho em equipe que, em sua essência, está o desempenho das tarefas sempre coletivamente. Assim, tanto na base da dimensão comunitária quanto da administração de empresa, esses valores estão presentes.

2.2.2 O perfil do estudante de Administração de Empresas

Uma característica básica do administrador é ter gosto por direção e relações humanas. Para Caravantes, Panno e Kloeckner (2005, p. 400-1), os líderes do futuro deverão ser melhores e mais brilhantes, ter mais energia, entusiasmo e *insights* do

que os líderes do passado. As estruturas mais amplas, mas enxutas, que caracterizam as organizações atuais deixarão pouco espaço para promoções. Em consequência, somente os absolutamente melhores subirão a escada corporativa. As funções dos gerentes de amanhã serão cada vez mais exigentes e desafiadoras, mas serão recompensadoras para aqueles que aceitarem o desafio da liderança. Para esses autores, o líder de sucesso deve lembrar-se, dentre manter-se a par de condições mutáveis que afetam a organização, de focalizar a excelência e a qualidade em tudo o que fizer. Deve também tirar o melhor proveito de sua educação e desenvolver suas habilidades e competências necessárias para o sucesso gerencial. Ao fazer o curso de Administração, o estudante deve concentrar-se em aprender como ser um gerente eficaz ou o administrador excelente. Um dos pontos que esses autores (2005, p. 399), destacam é a habilidade com pessoas que se traduz, segundo estes autores, em saber delegar (capacidade para atribuir responsabilidade e outras pessoas para realizarem o trabalho), influenciar (capacidade para induzir outras pessoas a fazerem as coisas certas porque assim o desejam, não porque são obrigadas a fazê-las ou recompensadas para fazê-las), motivar (capacidade para criar um ambiente de trabalho em que os empregados querem contribuir mais e estão plenamente comprometidos em fazer o melhor uso de seus talentos); ouvir (capacidade para entender o significado daquilo que outra pessoa está tentando transmitir); equipe de trabalho heterogênea (capacidade para trabalhar eficazmente em equipes heterogêneas para estimular maior criatividade, melhor resolução de problemas e maior flexibilidade do sistema). Para os referidos autores, o administrador excelente deve ter, dentre outras características,

competência interpessoal, pois se o produto de seu trabalho visa ao homem e é feito por pessoas, ele deve desenvolver sua capacidade de relacionamento com seus superiores, pares e subordinados, chegando ao

ponto de empatia, isto é, ser capaz de colocar-se em lugar daqueles com quem se relaciona e pensar e sentir como eles (CARAVANTES, PANNON e KLOECKNER, 2005, p. 399-400).

Se a universidade deve dar formação aos estudantes, não só na área técnica, como também na de relações humanas, de modo mais enfático é exigido no curso de Administração de Empresas. De acordo com Sung (2002, p. 25), os administradores, mesmo os seus teóricos, não são tão apegados à 'cientificidade' de suas teorias e estão muito mais abertos ao diálogo com outras ciências ou ramos do saber. Um administrador com um mínimo de experiência prática sabe que a empresa não funciona como uma máquina, pois é composta fundamentalmente por pessoas, com seus mecanismos culturais, e também sabe que os consumidores não 'funcionam' como 'homem econômico' (um ser puramente racional, movido pelo cálculo de custo e benefício). Por isso a 'ciência da administração' não é vista por muitos, como ciência, em termos clássicos, pois, é formada por um conjunto de ciências, como a economia, matemática, psicologia, sociologia, contabilidade, e, como não poderia deixar de ser, de teoria da administração.

Portanto, delegar, influenciar, motivar, ouvir, trabalhar em equipe compõe o perfil do administrador. Na base da administração estão as pessoas. A dimensão comunitária pode favorecer esta dinamicidade ao procurar estabelecer relações que possibilitem o acolhimento, a aceitação das diferenças, chegando ao ponto de um ser responsável pelo outro, integrando-se mutuamente, atingindo, assim, os objetivos da empresa.

2.3 CONCEITO E CARACTERÍSTICAS DO GRUPO

O objetivo de conceituar e caracterizar grupos nesta pesquisa é porque uma organização empresarial não funciona sem pessoas e pessoas reunidas em grupo.

A palavra grupo origina-se do germano “*kruppa*, que quer dizer massa enrolada, arredondada” (NASCENTES, 1932, p. 389). Daí encontrarmos com certa frequência as pessoas, ao se reunirem, dispostas em forma de círculo, permitindo uma ‘idéia’ de circularidade, por conseguinte, a idéia de ‘igualdade’.

O ser humano é um ser de relações. Ele é sempre impulsionado para o outro, há como que uma atração que o faz procurar seu semelhante para dividir a própria existência. A espécie humana só é humana na medida em que se efetiva em sociedade.

De acordo com Severino (2001, p. 52), não se é humano fora de um tecido social, este é “o solo de todas as relações, matriz e placenta que nutre toda atividade dos indivíduos”. Tudo o que é realizado pelo ser humano é feito por um sujeito social. Seu agir não resulta apenas de indivíduos isolados, ao contrário trata-se do agir coletivo. As ações das pessoas, então, são marcadas pela solidariedade, pois precisam de uma coletividade como sujeito. Viver em grupo, portanto, é inerente ao ser humano. Os motivos que levam as pessoas a se agruparem, vão desde a necessidade de estarem acompanhados, (sentem segurança), passando pela busca de valorização e também para alcançar metas, possíveis em alguns casos, só através de um grupo. As pessoas, em geral, fazem parte de vários grupos: família, escola, trabalho, religião. Estes exercem influência, às vezes, determinante, sobre seus membros.

Albuquerque e Palacios (2004, p. 358), dizem que grupo é

um conjunto formado por duas ou mais pessoas que, para atingir determinado(s) objetivo(s), necessita de algum tipo de interação durante um intervalo de tempo relativamente longo, sem o qual será difícil ou impossível obter o êxito desejado.

Este conjunto de pessoas irá caracterizar-se mais fortemente como grupo de acordo com as seguintes condições: 1. Quanto menor for o número de pessoas; 2. Quanto maior for a interação entre os seus membros; 3. Quanto maior for a sua história; 4. Quanto mais seus membros partilharem das metas; 5: Quanto mais aceitarem as normas do grupo.

No caso da empresa, o grupo é imprescindível para sua sobrevivência. Uma empresa existe para prestar determinado tipo de serviço a alguém. Assim, mais de uma pessoa está envolvida neste processo. Deste modo, os grupos são uma realidade numa organização empresarial.

De acordo com Chiavenato (1999, p. 280), “o grupo não é apenas um conjunto de pessoas. O grupo é um certo número de pessoas que interagem umas com as outras e que se percebem psicologicamente como membros de um grupo”. Os grupos se caracterizam, segundo esse autor (1999, p. 283-4), pelas relações humanas entre seus membros. As relações humanas são os contatos conscientes estabelecidos entre indivíduos e grupos, os empregados e seus colegas, os subordinados e seus chefes, entre os elementos de um e os de outro departamento.

Saber lidar com pessoas, individualmente ou em grupos, passou a ser um dos maiores problemas da empresa, no sentido de obter o maior rendimento da mão-de-obra, dentro do máximo de satisfação e do mínimo de desgaste. O administrador de empresas deve, de um lado, ser capaz de criar condições para que sua empresa atinja da melhor forma possível os seus objetivos e, de outro lado, que o seu pessoal atinja os seus objetivos individuais. Para Chiavenato (1999, p. 284), as relações

humanas representam uma atitude, um estado de espírito que deve prevalecer no estabelecimento e/ou na manutenção dos contatos entre pessoas. Essa atitude deve basear-se no princípio do reconhecimento de que os seres humanos são possuidores de uma personalidade que merece ser respeitada. A dinâmica de grupo é um dos temas tratados na Teoria das Relações Humanas e tem em Kurt Lewin⁸ seu maior expoente. A Escola da Dinâmica de Grupo desenvolve uma proposição geral de que o comportamento, as atitudes, as crenças e os valores do indivíduo baseiam-se firmemente nos grupos aos quais pertence. Os grupos aos quais a pessoa pertence, muitas vezes, influencia de forma decisiva na sua vida.

A sobrevivência da nossa civilização, dizem os autores da Teoria das Relações Humanas, dependerá da capacidade do homem para criar invenções sociais capazes de aproveitar todas as energias físicas do homem para o uso do construtivo da sociedade. É preciso, pois, mudar, o comportamento das pessoas nas suas relações recíprocas, sem que se restrinja sua liberdade nem se limite o seu potencial de desenvolvimento, para que se aceitem e se respeitem reciprocamente, qualquer que seja sua raça, religião, política ou nacionalidade (CHIAVENATO, 1999, p. 281).

Albuquerque e Palacios (2004, p. 359-60), mostram como os grupos influenciam na formação da identidade das pessoas, levando-as a agirem conforme as normas ditadas pelo grupo ao qual pertencem. O desconhecimento desta realidade, de acordo com estes autores (2004), esbarra a capacidade de alguns pais, professores ou gerentes para administrar o comportamento dos demais. Pensa-se que o comportamento é só indivíduo, mas não: é resultante do indivíduo e suas circunstâncias, seus grupos de referência, inclusive os grupos religiosos. Assim, o grupo a que pertence o indivíduo constitui a base de suas percepções, ações e sentimentos. “A maioria dos psicólogos [...] tendem a esquecer que a base

⁸ Kurt Lewin é considerado o fundador da Escola da Dinâmica de Grupo. Convencido de que a sociedade precisa de um método científico para entender a dinâmica do comportamento grupal, fundou o Centro de Pesquisa de Dinâmica de Grupo da Universidade de Michigan. A maior parte das experiências sobre dinâmica de grupo provém desse centro (CHIAVENATO, 1999, . 279).

do grupo social dá ao indivíduo a sua configuração” (ALLPORT, *apud* ALBUQUERQUE; PALACIOS, 2004, p. 360).

Designa-se de grupo de referência aquele no qual o indivíduo é motivado a manter relações. Quando um grupo de relações [...] torna-se um grupo de referência, este passa a desempenhar um papel normativo no comportamento do indivíduo. Vale salientar, ainda, que um grupo normativo tem a função de imprimir aos seus membros valores e normas amplamente compartilhados pela sociedade (ALBUQUERQUE; PALACIOS, 2004, p. 358).

A religião é uma instituição que estende seus laços até a vida social das pessoas. Os membros de um grupo religioso podem, por exemplo, contribuir para a redução *do stress* tão presente no mundo empresarial. A paz, transmitida através da dimensão comunitária, uma vez experienciada por seus membros, poderá ser uma fonte poderosa de satisfação no trabalho, proporcionando um clima de mais tranqüilidade e, conseqüentemente, maior produtividade. A religião, portanto, através de seus membros (estes carregam consigo os valores religiosos), pode contribuir positivamente para o alcance dos resultados objetivados pela empresa.

Vimos, então, o que é um grupo, suas características, importância para a vida das pessoas e da organização empresarial e ainda como um grupo religioso pode influenciar nas empresas. Passaremos agora a ver uma variante dos grupos, que são as equipes de trabalho.

2.4 CONCEITO E CARACTERÍSTICAS DAS EQUIPES DE TRABALHO

Grupos e equipes não são a mesma coisa. As equipes são um tipo específico de grupo. As equipes de trabalho são também chamadas de grupos de trabalho, círculos de qualidade, comitês de gestão ou times. Aqui usaremos apenas o termo equipe de trabalho, diferenciando, assim de grupo, trabalhado no item anterior.

Conforme Albuquerque e Palacios (2004, p. 369), para Arrow e McGrath, equipe de trabalho é definida como “um padrão complexo de relações dinâmicas entre um conjunto de pessoas (membros) que utiliza uma determinada tecnologia para atingir propósitos comuns”. Nesse conceito, os autores apontam a existência de três elementos constitutivos: os membros, o objetivo e a tecnologia. Nota-se neste conceito que as relações entre os membros são dinâmicas. Ainda segundo Albuquerque e Palacios (2004, p. 369), Guzzo e Dickson, por sua vez, conceituam equipe de trabalho como “indivíduos que se percebem e são percebidos pelos outros como uma entidade social. Interdependentes por causa das tarefas que desempenham e inseridos em um sistema social maior, a organização, que é afetada pelo desempenho da equipe”. Este conceito, como se pode ver, não prioriza os objetivos e os mecanismos do trabalho da equipe, mas os indivíduos que as integram. A ênfase recai principalmente nas relações internas mantidas entre eles, assim como o meio externo ao qual pertencem (no caso a organização).

As empresas têm adotado o trabalho em equipe como uma estratégia diferenciada a fim de enfrentar a acirrada concorrência do momento atual. As novas formas de gestão empresarial exigem troca de informações, compartilhamento do poder de decisão, altos níveis de eficiência e comprometimento com os negócios da organização. O destaque é para o estímulo à cooperação, à formação e ao desenvolvimento das equipes de trabalho.

Segundo Robbins (2005, p. 212-3), as equipes se tornaram populares quando, há 25 anos, empresas como a Gore e a Volvo passaram a utilizar equipes em seus processos de produção, o fato virou notícia porque era uma prática que ninguém mais adotava. Hoje, acontece exatamente o contrário. É a organização que não usa equipes que chama a atenção. Hoje em dia, cerca de 80% das empresas

que figuram na lista das 500 maiores companhias, da revista *Fortune*, possuem mais da metade de seus funcionários trabalhando em equipes. E 68% das pequenas indústrias norte-americanas usam equipes em suas áreas de produção. O que torna as equipes tão populares, segundo este autor é que as evidências sugerem que elas são capazes de melhorar o desempenho dos indivíduos quando a tarefa requer múltiplas habilidades e experiências. Quando as organizações se reestruturaram para competir de modo mais eficaz e eficiente, escolheram as equipes como forma de utilizar melhor os talentos de seus funcionários. As empresas descobriram que as equipes são mais flexíveis e reagem melhor às mudanças do que os departamentos tradicionais ou outras formas de agrupamentos permanentes. As equipes têm capacidade para se estruturar, iniciar seu trabalho, redefinir seu foco e se dissolver rapidamente. As equipes facilitam a participação dos trabalhadores nas decisões operacionais. Por exemplo, alguns operários da linha de montagem da fabricante de tratores e máquinas agrícolas John Deere fazem parte das equipes de vendas que visitam os clientes da empresa. Esses funcionários conhecem os produtos melhor do que qualquer vendedor. Ao viajar e conversar com fazendeiros, desenvolvem novas habilidades e se envolvem mais em seu trabalho. Assim, uma explicação para a popularidade das equipes é que elas são uma forma eficaz de os dirigentes promoverem a democratização de suas empresas e aumentar a motivação dos funcionários.

De acordo com Moscovici (*apud* Delacorte e Campanhol 2006, p. 195), o trabalho em equipe não é modismo. As equipes absorvem e aplicam conhecimentos e experiências de vida de seus membros, respondendo de forma mais ágil aos novos desafios. Um grupo pode se tornar uma equipe quando compreende seus objetivos e está engajado em atingi-los, de forma compartilhada. A comunicação

entre seus membros ocorre de forma verdadeira, as opiniões divergentes são estimuladas, a confiança é grande, os riscos são assumidos. As habilidades dos membros se complementam e possibilitam atingir os resultados, os objetivos compartilhados determinam seu propósito e direção. Cooperação e respeito são valores que estão em alta.

Quik (*apud* Delacorte e Campanhol, 2006, p. 195), destaca que a principal característica de uma equipe de trabalho é a de que seus membros têm como prioridade a consecução das metas do grupo (equipe), sendo o aspecto mais importante o êxito da equipe em atingir a meta estabelecida. A sinergia em uma equipe eficaz produz mais do que a soma de suas partes. Destaca também que as pessoas percebem valor em seu trabalho, apresentando desempenho superior, quando conseguem alcançar as metas fixadas.

Cooperação, interação, responsabilidade exigidas para o sucesso da organização empresarial são valores desenvolvidos através da dimensão comunitária na religião. Assim, uma vez o jovem que tenha feito a experiência de viver tais valores na religião estará mais aberto para vivenciá-lo, também na empresa.

2.4.1 Diferenças entre grupos e equipes

Um grupo pode tornar-se uma equipe quando compreende seus objetivos e está engajado em atingi-los, de forma compartilhada. Já foi apresentado que grupo é conceituado como dois ou mais indivíduos em interação e interdependência, que se juntam para atingir um objetivo. Um grupo é aquele que interage basicamente para compartilhar informações e tomar decisões para ajudar cada membro em seu

desempenho na sua área de responsabilidade. Os grupos (de trabalho) não têm necessidade nem oportunidade de se engajar em um trabalho coletivo que requeira esforço conjunto. Assim, seu desempenho é apenas a somatória das contribuições individuais de seus membros. Não existe uma sinergia positiva que possa criar um nível geral de desempenho maior do que a soma das contribuições individuais.

Uma equipe de trabalho gera uma sinergia positiva por meio do esforço coordenado. Os esforços individuais resultam em um nível de desempenho maior do que a soma daquelas contribuições individuais. Estas definições ajudam a esclarecer por que tantas organizações recentemente reestruturaram seus processos de trabalho em torno de equipes. Os executivos buscam a sinergia positiva que permite à organização melhorar seu desempenho. O uso extensivo das equipes gera o potencial para uma organização aumentar seus resultados sem necessidade de aumentar os investimentos. Isto não quer dizer que existe alguma mágica inerente à criação de equipes que garanta a obtenção da sinergia positiva. Apenas chamar grupo de equipe não melhora automaticamente seu desempenho. Assim, podem-se resumir estas diferenças: nos grupos o objetivo é compartilhar informações, na equipe de trabalho, é o desempenho coletivo; no grupo a sinergia é neutra (às vezes negativa), na equipe de trabalho é positiva; no grupo a responsabilidade é individual, na equipe de trabalho a responsabilidade é individual e mútua; por fim, as habilidades no grupo são aleatórias e variadas, enquanto nas equipes de trabalho as habilidades são complementares (ROBBINS, 2004, p. 213).

2.4.2 Tipos de equipes

Quando se trata de identificar os tipos de equipe de trabalho, há uma grande dificuldade de se fazer uma classificação. Conforme Albuquerque e Palacios (2004, p. 371-2), as classificações dependem do interesse do autor ao escrever sua obra. Pode-se encontrar classificações realizadas com base no tempo de duração, na missão ou natureza da atividade, na organização dos seus elementos ou ainda na finalidade das tarefas da equipe. Se por exemplo, o ponto enfatizado é o tempo de duração, então a classificação é de equipes permanentes e temporárias. Se o aspecto enfatizado nas equipes é a sua missão, então a tipologia resultante contempla as chamadas equipes de trabalho cujo objetivo é executar tarefas que devem ser realizadas para permitir a efetividade da organização. Se a classificação é realizada de acordo com o elemento da estrutura da equipe que é priorizado, então os tipos resultantes são os grupos força-tarefa, equipes propriamente ditas e tripulação. Nos grupos força-tarefa o elemento priorizado é o objetivo a ser alcançado, como por exemplo, apagar um incêndio. Quando o objetivo é alcançado, a equipe se desfaz. Nas equipes propriamente ditas, o elemento mais importante são os indivíduos e suas relações interpessoais positivas, consideradas fundamentais para o sucesso da tarefa. Finalmente, nas tripulações, o elemento mais importante é o objetivo e, em segundo lugar, a tecnologia, que é considerada complexa. O exemplo característico deste tipo de equipe é tripulação de um avião, haja vista que a escolha dos membros é realizada com base do seu domínio de determinada tecnologia.

Essas classificações de equipes não são as únicas. As equipes podem realizar uma grande variedade de coisas. Elas podem fazer produtos, prestar

serviços, negociar acordos, coordenar projetos, oferecer aconselhamentos ou tomar decisões. Robbins (2004, p. 213-4), enumera quatro tipos: 1. Equipes de soluções de problemas (composta de 5 a 12 funcionários horistas, todos do mesmo departamento, que se reuniam durante algumas horas para discutir formas de melhorar a qualidade, a eficiência e o ambiente e trabalho, entretanto, estas equipes raramente têm autoridade para implementar unilateralmente suas sugestões); 2. Equipes de trabalho auto-gerenciadas (são grupos formados entre 10 e 15 funcionários que realizam trabalhos muito relacionados ou independentes e assumem muitas das responsabilidades que antes eram de seus antigos supervisores. Mas a eficácia deste tipo de equipe depende de cada situação e da cultura. Por exemplo, no México esta experiência não foi muito bem-sucedida por causa da baixa tolerância à ambigüidade e à incerteza e também porque a cultura valoriza muito a hierarquia); 3. Equipes multifuncionais (representam uma forma eficaz de permitir que pessoas de diferentes áreas de uma empresa ou de diferentes empresas possam trocar informações, desenvolver novas idéias e solucionar problemas, bem como coordenar projetos complexos. Demora algum tempo até que se desenvolva a confiança e o espírito de equipe, especialmente entre pessoas com diferentes históricos, experiências e perspectivas); 4. Equipes virtuais (estas usam a tecnologia da informática para reunir seus membros, diferentemente dos outros três tipos que realizam seu trabalho face a face. As equipes virtuais podem fazer tudo que as outras equipes fazem – compartilhar informações, tomar decisões, realizar tarefas, incluir membros de uma mesma organização ou fazer a ligação entre membros de uma organização e os de outras empresas. Podem durar alguns dias para a solução de um problema, alguns meses para conclusão de um projeto ou permanentemente, mas se diferem das que trabalham face a face na ausência de

gestos não verbais ou pára-verbais, no contexto social limitado e na capacidade de superar limitações de tempo e espaço).

Muitas pessoas não se encaminham naturalmente para o trabalho em equipe. Elas são do tipo solitário ou pessoas que preferem ser reconhecidas por suas realizações pessoais. Existe também um grande número de organizações que, historicamente, alimentam realizações pessoais. Elas criaram um ambiente de trabalho competitivo, ao qual apenas os fortes sobrevivem. Se essas empresas adotarem o trabalho em equipe, o que fazer com os funcionários egoístas e egocêntricos que criaram? De acordo com Robbins (2004, p. 223), é preciso considerar que as equipes se ajustam melhor a culturas coletivistas. População de trabalhadores nascidos e criados em uma sociedade altamente individualista, como Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Austrália e outros países que têm sociedades altamente individualistas certamente encontram dificuldades de exercerem suas atividades em equipe. Fica evidente, então, que a barreira substancial para a utilização das equipes é a resistência das pessoas. O sucesso do funcionário é mais definido em termos de seu desenvolvimento individual. Para ter um bom desempenho como membro de uma equipe, a pessoa precisa ser capaz de se comunicar aberta e honestamente.

Portanto, é imprescindível considerar que o trabalho em equipe tornou-se vital para a sobrevivência das organizações. Esta é uma prática presente na religião; o jovem estudante que teve a oportunidade de vivenciá-la em algum grupo religioso, há de considerar que poderá trazer esta experiência e desenvolvê-la no mundo do trabalho.

Uma vez que foi apresentado o quadro sobre a universidade nos dias de hoje, quando pudemos observar a presença de um aspecto mercadológico, adentramos

no curso de Administração de Empresas com suas peculiaridades, destacando a importância das pessoas na dinâmica organizacional, particularmente a necessidade de trabalhar em equipe. O trabalho em equipe envolve dinamismo, responsabilidade, compromisso, sempre numa perspectiva de coletividade. O individualismo, portanto, tão característico na atualidade, é uma contraposição a esta exigência da organização empresarial. Assim, a religião, através da dimensão comunitária, caracterizada pela valorização de cada pessoa, pode influenciar positivamente para o bom desempenho das equipes de trabalho nas empresas. No próximo capítulo analisaremos o posicionamento dos jovens entrevistados através da pesquisa de campo realizada com jovens do curso de Administração de Empresas do INESC.

3 RELIGIÃO, JUVENTUDE E A DIMENSÃO COMUNITÁRIA SEGUNDO OS JOVENS DO INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR CENECISTA – INESC

No primeiro capítulo procuramos ver a questão da juventude com suas peculiaridades na situação atual. Vimos também a religião, sua importância e atuação na sociedade contemporânea. No segundo capítulo investigamos sobre a universidade e suas funções, particularmente o curso de Administração de Empresas, com o objetivo de situar o jovem neste contexto. O terceiro capítulo tem por finalidade apresentar a instituição onde foi realizada a pesquisa de campo, bem como o perfil do estudante de Administração de Empresas da referida instituição e ainda do grupo pesquisado. Interessa-nos também entender como e se os princípios comunitários que o jovem adquiriu e/ou reforçou por meio de uma religião ou dos princípios familiares podem fornecer elementos para uma atitude transformadora em sua profissão de administrador.

3.1 O LOCAL DA PESQUISA DE CAMPO - INESC

O Instituto de Ensino Superior Cenecista - INESC, tem por mantenedora a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC. Esta foi criada em 29 de julho de 1943 por Felipe Tiago Gomes, na cidade do Recife – Pernambuco, com o objetivo de oferecer um ginásio gratuito para estudantes pobres. A Entidade foi originalmente denominada de Campanha do Ginásio Pobre – CGC. Posteriormente, passou a ser Campanha dos Educandários Gratuitos – CEG -, depois, Campanha Nacional de Educandários Gratuitos – CNEG - e, atualmente, Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC. A CNEC de hoje

apresenta a maior organização de ensino do país, com unidade de direção. Ela não é uma instituição particular, nem pública, é uma instituição comunitária. Atua em 529 municípios brasileiros, com 608 escolas oferecendo ensino fundamental e médio e ainda ensino superior em quatorze instituições, localizadas nos Estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Formalmente a CNEC é uma sociedade civil de fins educacionais, sem fins lucrativos, que visa promover o desenvolvimento comunitário, tendo sido declarada de utilidade pública pelo Decreto Federal nº 36.505/54.

A Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC -, mantenedora do Instituto Superior Cenequista - INESC – atua em Unaí/MG⁹ desde o mês de junho de 1959, quando iniciou suas atividades com a criação do ‘Ginásio Nossa Senhora do Carmo’; hoje ‘Escola da Comunidade Nossa Senhora do Carmo’, que ministra educação básica. Em 1994 a comunidade se reuniu para criar o INESC, propondo, após pesquisa de interesse junto à comunidade regional, a elaboração de três projetos a serem submetidos ao Ministério da Educação e Conselho Nacional de Educação: a criação das faculdades de Ciências Contábeis, Administração e Direito. Em 26/02/99 foi outorgado o curso de Administração¹⁰.

Para a pesquisa foram escolhidos estudantes do curso de Administração de Empresas. Por este motivo procuramos e tivemos acesso a algumas informações sobre o referido curso expostas a seguir.

⁹ Unaí localiza-se no noroeste de Minas Gerais e está situada a 165 km de Brasília – DF. Conforme o censo do IBGE de 2000, a população é de 70.033 habitantes (MINAS EM REVISTA, 2004, p. 64).

¹⁰ Dados fornecidos pelo diretor pedagógico e administrativo, Sr. Marlom Vinícius Brisola, via *e-mail*, em 06-06-07.

3.2 O PERFIL DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DO INESC

O Instituto de Ensino Superior Cenecista – INESC – ‘Espaço democrático de convivência e busca do saber’, tem por missão formar administradores empreendedores, tanto internos, quanto externos, com conhecimento teórico da Administração, habilidade para o desempenho técnico/gerencial/estratégico, atitudes compatíveis com as de líderes com acurada visão da realidade de mundo em mutação constante. Dotado de especial capacidade criativa, inovadora, intuitivo/analítica, administrador de conflitos e orientador de soluções. O curso tem uma metodologia de seriado semestral. As disciplinas têm carga horária semanal de 2 a 4 aulas por semana, o que corresponde no total a 36 e 72 horas/aula, no período semestral. A cada disciplina são atribuídos 2 a 4 créditos respectivamente e, em alguns casos, há pré-requisitos¹¹. Consta no programa do curso de Administração, além de disciplinas da área de exatas, disciplinas relacionadas à de gestão de pessoas que buscam atender às exigências de valorização da pessoa, imprescindível, hoje, nas organizações. Estas disciplinas estão distribuídas ao longo de todos os semestres. No que concerne ao item gestão de pessoas, pudemos comprovar o que dizem os autores Chiavenato (1999), Robbins (2004), Albuquerque e Palacios (2004), bem como observar a intensidade com que foi estudado este assunto, uma vez que pudemos confirmar, através da pesquisa de campo, uma assimilação real deste conteúdo. Pudemos perceber que estão convictos sobre a exigência do quesito trabalho em equipe exigido no curso de Administração de Empresas, superando nossa própria expectativa. Isto ficou tão evidente que em

¹¹ Administração de Recursos Humanos, Ética na Administração, Psicologia aplicada à Administração, Sociologia aplicada à Administração, Comportamento Organizacional. Dados fornecidos pelo diretor pedagógico e administrativo, Sr. Marlom Vinícius Brisola, via *e-mail* em 06-06-07.

conversas informais perguntávamos sobre o tema pretendido para desenvolver suas respectivas monografias, ao que respondiam entre financeiro e gestão de pessoas, com um número maior para o tema gestão de pessoas.

3.3. O PERFIL DOS JOVENS ENTREVISTADOS

O grupo entrevistado reflete a própria condição de jovem no sentido de serem alegres, expansivos em sua maioria, inquietos e que buscam a companhia de um ou mais colegas. Como caracteriza bem o administrador, quanto à disponibilidade para o serviço., os jovens entrevistados manifestaram prontidão para colaborar com a nossa pesquisa. Têm iniciativa. O número de estudantes que compõem o 6º período é de 47, pois quando estavam no 5º período foram reunidas as turmas A e B, formando, portanto, uma única turma, fato que dificultava um pouco o relacionamento, por estarem em fase de adaptação. Dos 47 estudantes, 18 são homens e 29 são mulheres. Entre a faixa etária de 18 e 24 anos são apenas 23. Dos 47 futuros administradores, aproximadamente a metade já está trabalhando nessa área, ficando a outra metade entre o serviço público e desempregados. Em termos de condição sócio-econômica a turma é bastante diversificada. Muitos recebem bolsa, em sua maioria, não integral¹².

Foram entrevistados 20 jovens de ambos os sexos, sendo 14 da religião católica, representando, portanto, 70% dos entrevistados 05 evangélicos, 25% e 01 (5%) sem religião, perfazendo o total de 100%. As respostas às questões levantadas por nós em sua maioria não se diferenciaram umas das outras. Aqui apresentamos o

¹² Dados fornecidos pelo Diretor pedagógico e administrativo, sr. Marlom Vinícius Brisola, via-*email*, em 06-06-07.

resultado da pesquisa, bem como a porcentagem e a transcrição literal de algumas falas, ilustrando assim o quadro geral da pesquisa.

3.4 A FUNÇÃO DA RELIGIÃO SEGUNDO O JOVEM

Iniciamos a nossa entrevista gravada indagando sobre a função da religião na vida das pessoas. A este questionamento, os 20 jovens¹³ entrevistados (100%), afirmaram que a religião é importante e necessária, dá segurança, paz, acalma, dá sentido à vida e forças para enfrentar as dificuldades. Aqui resumimos as respostas em dois pontos: sentido à vida e suporte para enfrentar as dificuldades.

3.4.1 Dar sentido à vida

O ser humano sempre questiona suas origens, que sentido tem este mundo? para onde vou? Estas questões perpassam a vida de todas as pessoas e nem sempre as respostas são satisfatórias. Fica sempre uma indagação, um vazio, a busca de objetivos e motivações para a própria existência. Sem objetivo e motivação, seu estado é de desolação, angústia e tristeza.

Como vimos anteriormente, o ser humano é ser inacabado desde o seu nascimento, fica, portanto, em aberto e por isso, abandonado à própria sorte. O caos, seria insuportável. E é aí que, segundo Berger (1985, p. 17), se abre espaço para o religioso, algo que permita construir um sentido a toda existência formando a totalidade de um cosmos. Sobre este tema os jovens assim se posicionaram:

¹³ Um jovem respondeu que não acredita em religião, entretanto, a esta indagação, respondeu que ela dá sentido à vida. Esta questão será pormenorizada no item 3.7.2 A resposta divergente (p. 107).

A função da religião é dar sentido à vida (S.M.P., 19 anos).

A religião dá sentido à vida (J.M.R.S., 20 anos).

Eu acho que é dar sentido à vida das pessoas. Um apoio (M.A.R., 20 anos).

A religião, portanto, dá sentido à vida das pessoas. Ela tem a função de tornar a vida em algo precioso e importante. Uma vez consciente dessa realidade, toda a dimensão terrena passa a ter sentido, haverá empenho para que esta vida seja agradável e fecunda. O sentido à vida se manifesta em uma comunidade aberta àqueles que buscam alívio para suas angústias. A comunidade é aquela que acolhe, cuida, compreende e ama. O amor é a alma da comunidade. Ali acontece a ação transformadora da ação de Deus na vida das pessoas. Em sua essência objetiva congrega e ao mesmo tempo se espalha para fazer a diferença no mundo, ou seja, onde estiver. “Vós sois o sal da terra. [...] Vós sois a luz do mundo” (Mt 5, 13a e 14a). O sal é para dar sabor e a luz para iluminar. Esta analogia explica o que a comunidade (cristã) propõe ao fiel. Ele busca e encontra sentido para sua vida na comunidade tornando-se instrumento através dos quais seres sucumbidos por crises existenciais encontram motivação e sentido na vida.

3.4.2 Ajudar as pessoas nas dificuldades

No que diz respeito à importância da religião como suporte nas dificuldades cotidianas, nós vimos com Geertz (1989), que uma das funções da religião é ajudar as pessoas nos momentos de sofrimento quando não conseguem dar uma explicação racional para tal situação. Não havendo explicação para o sofrimento, diz este antropólogo, a religião orienta no sentido de mostrar como sofrer. As falas a seguir mostram esta realidade.

A religião é de grande importância. O Ser Superior em quem ela acredita vai ajudá-la nas horas difíceis para ela também ande no caminho certo (C.L.M., 21 anos).

A função da religião é sempre ajudar as pessoas a resolverem os problemas, dar mais força para vencê-los. [...] Se ela (a pessoa) está vivendo em comunidade, conseguir-se-á sair bem melhor na resolução dos problemas aos quais ela enfrentará, e consegue viver uma vida bem mais feliz. Eu acho que a religião é importantíssima [...] (S.M.P., 19 anos)!

Ela (a religião) tem a função de ajudar, de buscar refúgio na resolução dos problemas (M.R.P.S., 20 anos).

Diante do sofrimento, é preciso recorrer a “algo” para dar paz, calma, refúgio, abrigo, conforto. Os relatos a seguir demonstram esta busca.

Bom, eu vejo que, por um lado, a religião para algumas pessoas, é um refúgio, uma calma espiritual. [...] Eu mesma, eu gosto, eu sou religiosa. Pra mim, quando estou na igreja (nossa!), quando leio alguma oração, pra mim, é maravilhoso! [...] Saio de lá com a cabeça mais aberta. Eu acho que é isso (A.M.F., 20 anos).

Acho que as pessoas buscam a religião para ter uma paz interior, refúgio, um abrigo que a gente lá encontra (M.P.S., 20 anos).

A religião tem a função de (dar) calma, aconchego e paz (G.F.S., 21 anos).

Assim é que se pode concordar com Durkheim (1989, p. 493), referindo-se ao que ele chama de “verdadeira função da religião” como aquela que contribui para dar uma “força maior (ao fiel) diante das dificuldades”. A especificidade humana de ser relacional, impulsiona-o ao outro. Ele não sobrevive no isolamento, no convívio apenas consigo mesmo. Dentro de si, ele traz o germe que o impele a dividir com o outro o que tem no mais íntimo e profundo do seu ser. Ele não é humano se não se relaciona, se não está em permanente contato com outros seres humanos e a necessidade deste contato é maior nos momentos de dor. E a religião, que tem em sua essência a dimensão comunitária, atende a essa necessidade de forma genuína e eficaz.

Portanto, a fala dos jovens entrevistados mostra a finalidade da religião como aquela que dá sentido à vida e é apoio nas situações-limite do ser humano, ou seja, diante das dificuldades.

3.5 A DIMENSÃO COMUNITÁRIA PARA OS JOVENS DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

Segundo vimos, a comunidade é uma dimensão básica das grandes religiões e que, conforme Durkheim (1989, p. 79), as crenças e práticas unem as pessoas numa mesma comunidade. Comunidade (*Koinonia*), por sua vez, segundo Schattenmann (2000, p. 377), significa “associação, comunhão, participação. Significa também estreita união e laços fraternais”.

Na seqüência da entrevista indagamos sobre o que a religião ensinou aos jovens a respeito da dimensão comunitária. As respostas evidenciaram a importância da religião nas suas vidas. Os 20 jovens (100%), responderam a esta questão, mostrando que participaram ou participam de uma religião e que aí a dimensão comunitária é uma realidade. Aqui transcrevemos algumas respostas:

Eu acho que a religião por si própria é uma comunidade. Porque você está ali, se envolve com muitas pessoas... Então, eu vejo assim, ela por si só é uma comunidade (A.M.F., 20 anos).

Quando a gente vai participar de uma religião, a gente já sabe que lá nós vamos trabalhar em equipe. Ninguém vive isoladamente [...] (C.S.M., 20 anos).

Embora estejamos num contexto de individualismo, a pesquisa mostrou que o jovem sente necessidade de estar em comunidade, que ela é essencial para a vida humana e ensina como devem ser as relações entre as pessoas, aceitando as diferenças e opiniões de cada uma. São preciosos esses ensinamentos, dado que

gerenciar conflitos se tornou um grande desafio para as lideranças nos dias de hoje. O estudante S.P.M. (19 anos), afirma o valor inestimável da comunidade para a vida humana, destacando que

[...] a vida em comunidade hoje, acho que é essencial para a vida humana, porque você tem que saber conviver, aceitar as diferenças entre as pessoas, com idéias diferentes, aceitar as opiniões dos outros. Isto a religião ensina (S.P.M., 19 anos).

Outro jovem, além de destacar a importância da comunidade, coloca que precisamos das pessoas para fazer a nossa vida melhor. Vida melhor que se expressa na amizade e na comunidade.

O que aprendi (na religião) é que a comunidade é muito importante para nós, pois, precisamos das pessoas para fazer a nossa vida melhor, precisamos de pessoas para conversar. A vida não teria sentido se vivêssemos [...] sem a comunidade (M.A.P., 19 anos).

Vimos, então, que os estudantes não só vivenciaram a dimensão comunitária, como também reconhecem o valor desta dimensão para a vida. Mas é preciso atentar para a finalidade da vivência comunitária na religião e exigência do trabalho em equipe numa organização empresarial. Na empresa, a prática do trabalho em equipe se dá com o objetivo de manter viva a organização, é questão de sobrevivência. A administração, por sua vez, tem na raiz do seu conceito a prestação de serviço ao outro, mas num sistema econômico neoliberal como é o do Ocidente, este serviço tem por finalidade única o lucro financeiro. Na perspectiva da dimensão comunitária a meta é a partilha, é a ajuda mútua, e isto implica renúncia de si mesmo. Na comunidade o trabalho é desenvolvido não por obrigação, mas inspiração e realização no amor. O amor é a alma da comunidade, visando, portanto, o bem de todos. É este o diferencial do cristão: é ir além, e este ir além manifesta-se numa conduta ética e solidária.

No estrutura curricular do INESC consta a disciplina 'Ética na administração', objetivando despertar nos estudantes o senso de responsabilidade e justiça nas relações com as pessoas envolvidas neste campo. Wagner Lopes Sanches escreve um artigo na revista Ensino Superior (2005, p. 24-5), intitulado *Ética para o futuro profissional de negócios*. Neste artigo, afirma que ética significa agir corretamente e agir corretamente, segundo este autor (p. 25), não é apenas uma questão de consciência imediata, mas ponto básico para quem quer ter uma carreira longa, respeitada e sólida. A atitude ética dos profissionais pode ser o diferencial entre o sucesso ou o fracasso no mundo dos negócios.

3.5.1 Onde e como os jovens aprendem a dimensão comunitária

Quanto ao local onde os jovens disseram ter desenvolvido a dimensão comunitária, as respostas foram direcionadas para a família e a religião. Aqui a família e a religião serão consideradas os locais de desenvolvimento da dimensão comunitária dos jovens entrevistados, e o modo será a participação em atividades oferecidas por estas. As religiões, como veremos pelas respostas dos jovens, oferecem maior diversidade de atividades.

As respostas do modo como os jovens aprenderam e/ou aprendem sobre a importância da dimensão comunitária giraram em torno de: participação na catequese, estudos bíblicos, reuniões - onde são dadas aulas sobre a importância da cooperação mútua -, missas, novenas da Campanha da Fraternidade, encontros de jovens, cultos dominicais, dinâmicas, ouvindo palestras, desempenhando tarefas nas equipes de liturgia, canto. Os 14 jovens católicos (70%) do total dos 20 entrevistados, afirmaram ter participado ou participam, além dos grupos de jovens,

de missa e catequese; os cinco jovens evangélicos (25%) do total entrevistado, além dos grupos jovens, responderam que o modo como aprenderam a dimensão comunitária foi através de cultos dominicais/reuniões/estudo da bíblia. A experiência da vida em grupo fica evidente, visto que as estratégias usadas pelas igrejas, de acordo com os jovens entrevistados, giram em torno de atividades em grupo, particularmente grupos de jovens.

O destaque, portanto, foi para a participação em encontros e/ou grupos de jovens tanto para católicos (10 jovens), quanto para evangélicos (03 jovens), perfazendo um total de 13 jovens, o que corresponde a 65% do total (20 estudantes) entrevistados. Como esta pergunta foi elaborada, deixando margem para uma resposta que explicitasse mais de uma atividade pela qual a dimensão comunitária foi transmitida, na resposta figuraram várias atividades, não sendo possível, então, fazer uma classificação de forma mais exata.

As instituições família e religião são determinantes na formação de princípios e valores. À família cabe a missão de ensinar às crianças não só os primeiros passos, no sentido literal, como também inculcar-lhes uma boa conduta. As falas a seguir demonstram que a família é um lugar de ensinamento sobre a dimensão comunitária.

Terços em família, novenas da Campanha da Fraternidade, missas, catequese [...] (M.A.C., 20 anos).

Eu aprendi... bom... desde criança sempre participei da igreja, aula de catequese. Todos os sábados, tinha aula de catequese. Na missa mesmo... Eu sempre vou à missa (M.A.R., 20 anos).

Através de dinâmicas, na catequese [...], na família (S.D.T., 21 anos).

Ao ser mencionada a catequese, é possível supor o envolvimento da família, evidenciando mais uma vez a preponderância familiar na formação dos jovens que a

ela pertencem. Libânio (2004, p. 167), diz que na família o jovem aprende a primeira lição de respeito mútuo, condição fundamental para a convivência social. Sem o respeito uns pelos outros, dificilmente constrói-se o próprio amor. Ainda conforme este autor (2004, p. 169), a pesquisa feita pela Fundação Perseu Abramo no ano de 2003 (2005, p. 408), mostrou que a instituição em que o jovem mais confia é a família (98%). Em segundo lugar aparecem os professores (90%), em terceiro lugar, a igreja e padres católicos (75%).

Ainda quanto ao modo como os jovens desenvolvem a dimensão comunitária, chama a atenção o quanto o jovem se sente atraído para grupos de pessoas com semelhança em idade.

Com cursos, missas e encontros de jovem (A.M.F., 20 anos).

Isto que a religião me ensinou (refere-se ao que aprendeu na religião, que ninguém vive sozinho). Eu ia bastante a encontros de jovens (J.M.R.S., 20 anos).

Tudo que aprendi foi [...] ensinado por pessoas religiosas em encontros de jovens (R.M.C., 21 anos).

Cultos dominicais, encontros de jovens, estudo da bíblia (B.S.P., 20 anos).

Os dados apresentados nesta questão nos fazem constatar o que foi dito por Libânio (2004): que a vida em grupo seduz os jovens. No grupo ele é alguém. Igualmente Foracchi (1972), privilegia o quanto a dimensão da reciprocidade está presente nos grupos de jovens. Eles se identificam entre si, são capazes de se doarem uns aos outros, dividem e emprestam seus pertences, preocupam uns com os outros, dialogam, trocam confidências, alegram-se com os que estão alegres, são solidários e presentes nos momentos de dor.

Assim, para estes jovens, a religião transmitiu valores voltados, sobretudo, para a formação que envolve as relações humanas. O modo como estes valores

foram transmitidos variam entre atividades desenvolvidas pela família e, de forma diversificada, pela religião.

3.6 O VALOR COOPERAÇÃO/TRABALHO EM EQUIPE NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

A terceira questão que levantamos foi sobre a importância da cooperação/trabalho em equipe no curso de Administração de Empresas e as estratégias e métodos usados para alcançar esta meta. O nosso interesse nessa questão foi para compreender a importância de se trabalhar em conjunto na dinâmica empresarial, para, em seguida, fazermos uma relação com a dimensão comunitária da religião. Ao serem indagados sobre o que aprenderam na faculdade sobre o valor cooperação/trabalho em equipe como exigência de um administrador de empresas, as respostas foram unânimes. Os 20 jovens entrevistados (100%), responderam positivamente quanto à necessidade de se trabalhar em equipe nas organizações. Vejamos algumas respostas:

Não existe organização que trabalhe sem equipe, por isso é fundamental para a agregação de valores. É saber cooperar com seus colegas de equipe, assim obtendo os resultados esperados para todos (S.M.S., 21 anos).

O trabalho em equipe é o grande objetivo de todo administrador que deseja obter sucesso (C.R.V., 21 anos).

O trabalho em equipe, para um administrador, é essencial em uma organização (S.M.M., 20 anos).

Vimos com Moscovice (*apud* Delacorte e Campanhol, 2006), que a cooperação é um valor que está em alta. As falas dos estudantes demonstraram que

tal valor é indispensável para o êxito empresarial. A cooperação/colaboração é destacada pelos jovens entrevistados, conforme se pode observar a seguir.

O trabalho em equipe é muito importante na organização, por isso é extremamente necessário que um bom administrador saiba trabalhar em equipe, que entenda o sentido de cooperação (M.C.P., 20 anos).

Na (faculdade ou na empresa) é maior ainda (maior ainda que na religião), porque na administração o administrador tem que saber conduzir a sua organização com harmonia no trabalho em equipe. Precisa da colaboração de todos (L.A.P. 20 anos).

Na faculdade a cooperação é tudo! O trabalho em equipe é essencial (R.F.S., 19 anos).

Que não somos independentes, sempre estaremos precisando de alguém ao nosso lado e aí a cooperação entra. Sem a cooperação do outro não há um bom resultado (B.S.P., 21 anos).

Nas respostas a seguir, os jovens mencionam a união e ajuda ao colega como necessárias ao bom desempenho de uma equipe de trabalho. Nisso podemos perceber o anseio de socialização do ser humano. O ser humano é orientado para a ajuda mútua. Ao nascer, a criança precisa de ajuda para sobreviver. Sem proteção e amor, ela não resiste e morre. Mesmo quando suas necessidades materiais são atendidas, as pessoas procuram o amor, a convivência social e a solidariedade. Os jovens aqui expressam estas necessidades num ambiente de trabalho, mais especificamente num ambiente onde a competição, muitas vezes é sem limites, numa busca exacerbada de lucro financeiro. Repetimos que temos consciência de que este deve ser o objetivo de uma organização empresarial; Chiaventato (1999) nos deu a informação de que as empresas são organizações lucrativas. O que está em questão é o modo como este objetivo é alcançado, muitas vezes de forma desleal, antiética, desumana, ferindo as pessoas naquilo que lhe é mais caro: sua dignidade. A dignidade humana é objeto de constante reflexão cristã, podendo ser resumida no texto bíblico 'Eu vim para que todos tenham a vida e a tenham em

abundância' (Jo 10, 10b). Portanto, os valores da dimensão comunitária, uma vez adquiridos ao longo de sua trajetória de vida, especialmente na família e na religião, podem ser praticados também num ambiente de emulação.

União com as pessoas ao redor, ter cooperação com os clientes, fornecedores, ter respeito ao próximo e saber lidar com os problemas (D.P.O., 20 anos).

Todos precisamos trabalhar em equipe, é muito importante essa união, por mais difícil que seja, mas precisamos ajudar o nosso colega, precisamos de opiniões para poder tomar decisões (S.D.T., 19 anos).

O posicionamento da maioria dos jovens em relação ao trabalho em equipe mostra a necessidade de elementos no desempenho do trabalho em conjunto numa empresa que podem ser classificados como valores (cooperação, respeito ao próximo e ajuda mútua, união, harmonia). Ora, estes elementos são exaustivamente desenvolvidos na religião, através da dimensão comunitária. Pode-se conceber que o jovem, uma vez que tenha tido a experiência comunitária numa religião, traz consigo esta vivência e pode torná-la seu diferencial na empresa. Considerando que estes estudantes afirmaram ter participado, sobretudo, de grupos de jovens em suas respectivas denominações religiosas, a dimensão comunitária ali vivida poderá tornar mais fácil a convivência na empresa, levando em conta que nos dias atuais as relações humanas têm sido muito conflituosas.

3.6.1 Como os jovens desenvolvem o trabalho em equipe no curso de Administração de Empresas

Quanto ao modo (estratégias/métodos), usado para desenvolverem a habilidade do trabalho em equipe no curso de Administração de Empresas, as respostas giraram em torno de debates, estudos de casos, mas a grande maioria

destacou o seminário,¹⁴ (07 jovens - 35%), professores e aulas expositivas (06 jovens - 30%), livros (04 jovens - 20%), trabalho em grupo (03 jovens - 15%).

Assim uma das formas aplicadas como recurso para que os futuros administradores aprendam o valor e a necessidade do trabalho em equipe numa empresa é através de atividades desenvolvidas em parceria com os colegas. Registramos aqui o posicionamento de alguns estudantes:

J.M.R.S. (20 anos), diz que o trabalho em conjunto com os colegas na sala de aula é mais produtivo que o trabalho individual. Assim esta estudante se expressa:

Fazer trabalho sozinho é muito ruim. Não sai bem. Quando você se junta à outra pessoa, pode ser uma só pessoa, vão surgindo idéias, o trabalho vai sendo formulado, vai se orientando no objetivo. E chega à conclusão do trabalho.

Descrevemos, a seguir, mais algumas respostas indicando que o trabalho em equipe é um dos métodos usados no curso de Administração de Empresas, o que mostra a realidade da própria empresa, no que concerne à exigência de trabalho em conjunto.

Trabalhando em equipe na própria sala de aula (S.M.S., 21 anos).

Através de seminários em grupo. Aulas expositivas (R.M.M., 21 anos).

A gente faz muito trabalho em sala, seminários para apresentar e acho que é o melhor método para você estar aprendendo a gostar de fazer trabalho em grupo. (R.F.S., 19 anos).

Com aulas (expositivas), trabalho em grupo, livros [...] (B.M.F., 20 anos).

Atividades em grupo, debates (D.P.O., 20 anos).

¹⁴ A maioria dos seminários é realizada com dois ou mais estudantes.

Vimos com Robbins (2004), que numa equipe há uma simultaneidade na realização do trabalho proposto. Na equipe a responsabilidade é individual e mútua, prevalecendo o posicionamento (opinião) do coletivo e não individualmente.

Num contexto marcado pelo individualismo, as relações humanas se tornam um desafio; ter um bom relacionamento interpessoal, saber trabalhar em equipe constituem exigências no mercado de trabalho e mercado altamente competitivo. Nesse cenário, o jovem universitário se vê confrontado com esta realidade vivida na própria sala de sala. Um trabalho que envolve mais pessoas pode gerar conflitos, se os conflitos surgem, é preciso alguém com capacidade de unir as pessoas, promover a paz, através do diálogo. A dimensão comunitária, promotora da paz, gera esta aptidão para o diálogo. A dimensão comunitária, ao propor aos seus membros uma atitude de escuta e compreensão, pode contribuir na prática de elaboração de trabalhos, inclusive acadêmicos.

Portanto, a pesquisa comprovou que a cooperação/trabalho em equipe se tornou indispensável para o sucesso empresarial. O futuro administrador pratica tal exigência, sobretudo, através da elaboração de atividades em conjunto no decorrer de sua formação acadêmica. A experiência da dimensão comunitária pode contribuir para que as relações entre os membros da equipe sejam o mais humanas possível.

A seguinte (e última) questão desta pesquisa visa mostrar o posicionamento dos jovens entrevistados no que diz respeito à dimensão comunitária como aquela que pode ser o diferencial na organização empresarial.

3.7 A CONTRIBUIÇÃO DA DIMENSÃO COMUNITÁRIA DA RELIGIÃO NO QUESITO TRABALHO EM EQUIPE EXIGIDO NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

Vimos que o atual contexto exige atitudes diferenciadas das empresas. As equipes de trabalho têm sido uma alternativa que vem ganhando destaque no enfrentamento da acirrada concorrência no universo das organizações empresariais. A experiência da dimensão comunitária da religião, uma vez internalizada, pode influenciar no comportamento das pessoas. Esta experiência poderá acompanhá-las ao longo das suas vidas, deixando marcas diferenciadas nos seus mais diversos ambientes. O administrador poderá adotar os valores comunitários da religião como uma opção para o alcance da excelência exigida pelo mercado nos dias de hoje. Este item tem como objetivo analisar os dados fornecidos pelos jovens ao serem indagados sobre a contribuição da dimensão comunitária no quesito trabalho em equipe no curso de Administração de Empresas. Dos 20 jovens entrevistados, 19 responderam positivamente a esta questão, portanto 95% e apenas 01 (5%), respondeu negativamente. Analisaremos esta divergência de posição separadamente.

3.7.1 As respostas convergentes

Do total de estudantes entrevistados, 19 (95%) declararam que a dimensão comunitária contribui, sim, para o desempenho das equipes de trabalho nas empresas. Aqui destacaremos a fala de alguns jovens. Começamos esta reflexão, reportando-nos a Barros Neto (2001), ao afirmar que o modelo organizacional da Igreja Católica foi o que mais contribuiu para a ciência administrativa. É o que diz, em certo sentido, esta estudante.

Ajuda muito.[...] E a própria organização, depois que você passa a conviver dentro dela, aí você vai vendo: o que você aprendeu dentro da sua religião e o que você está fazendo dentro da organização.[...] Então... até... não

parece, mas as duas coisas têm a ver uma com a outra, porque a igreja é uma organização.[...] (J.M.R.S., 20 anos).

Vemos, então, nesta fala, o aspecto organizacional da Igreja Católica adotado pelas empresas.

Uma outra estudante diz:

Na administração você trabalha muito em equipe e na religião também. Isto pesa muito aqui na faculdade. Na faculdade tem um peso maior porque você trabalha em equipe, tem que interagir mais e se você não sabe trabalhar em equipe, tem que aprender. Eu já era ensinada a trabalhar em equipe porque uma liturgia pode-se dizer que é uma equipe e na faculdade, todo trabalho, praticamente, tem que ser feito em equipe (E.F.S., 21 anos).

Nesse depoimento dois pontos chamam a atenção: a obrigatoriedade ('você tem que interagir') do trabalho em equipe e que já havia desenvolvido esta modalidade de trabalho em sua religião. Na empresa, é vital a coesão, a coletividade, sob pena de falência a não união dos membros da equipe. E.F.S. diz que aprendeu o trabalho em equipe na sua igreja. Pode-se concluir, então, que se já assimilou (na religião), fica mais fácil a adaptação no ambiente de trabalho.

A fala a seguir, do jovem (C.J.S., 19 anos), mostra que ele está convencido de que a religião contribui muito para que o ambiente de trabalho seja melhor.

Contribui muito! Pois o comportamento das pessoas que participam de qualquer religião é diferente. Elas possuem comportamentos, idéias melhores; o contato com a religião é importantíssimo! [...] Freqüentando a igreja facilita muito a vida em comunidade, porque as pessoas respeitam mais as outras, têm força para vencer os obstáculos e assim, obtendo, cada vez mais, excelentes resultados dentro da empresa [...]. Bom, acho isso muito importante. Ajuda muito (C.J.S., 19 anos)!

Nota-se aqui o que Albuquerque e Palacios (2004) asseguram quanto aos grupos de referência como aqueles que influenciam no comportamento dos indivíduos. Particularmente, dos membros que pertencem a uma religião espera-se que seu comportamento seja diferenciado, manifestado, por exemplo, através do

respeito mútuo. Retomamos também Caravantes, Panno e Kloeckner (2005), quando afirmam que o administrador deve focalizar suas habilidades e competências para alcançar sucesso. Uma habilidade que o jovem estudante pode lançar mão para ser bem sucedido é a de promover relacionamentos salutareos, apoiando-se na dimensão comunitária. A dimensão comunitária poderá ser aquela que irá inspirar o gestor para a motivação e busca de excelência. Uma motivação, a partir desta dimensão, pode alcançar índices mais elevados de entusiasmo e perseverança, porque é uma motivação que brota das profundezas do seu ser. Quando não se encontra forças para enfrentar as adversidades próprias do mundo empresarial, imerso num contexto de dúvidas, incertezas e falta de sentido, a motivação que tem sua raiz na dimensão comunitária, poderá ser o diferencial tão almejado pelas organizações empresariais.

Os estudantes entrevistados por nós mencionaram em suas falas valores religiosos, tais como respeito mútuo, amor ao próximo, cooperação, paciência. Tais valores, segundo os jovens, lhes foram ensinados na religião e têm contribuído no desempenho das equipes de trabalho no curso de Administração de Empresas. As respostas a seguir assinalam para valores da dimensão comunitária da religião que possibilitam relações satisfatórias no trabalho.

Contribui, sim! O que eu aprendi na minha religião contribui na minha faculdade. Por quê? O que eu aprendi na minha religião foi amar o próximo como a ti mesmo, ter afeto e paciência com o outro. Então os valores que eu também aprendi na minha religião eu aplico no meu grupo de trabalho, no meu grupo de faculdade (C.L.M., 21 anos).

A religião nos ensina valores para a vida em comunidade que são essenciais para trabalhar com outras pessoas (R.M.C., 21 anos).

Os valores cristãos são princípios pacíficos que contribuem para qualquer situação. São como uma educação de base para o convívio humano (R.M.M., 21 anos).

Ajuda-me na habilidade de relacionamento com os colegas (L.P.C.S., 20 anos).

No amor ao próximo estão condensados todos os valores. O amor ao próximo supõe tratar os outros como gostaríamos que nos tratassem. O amor ao próximo, então, supõe estabelecer relações onde a justiça esteja presente. A proposta de Jesus Cristo traz esta novidade, que seus membros ajam com justiça no mundo. De acordo com Casagrande (2005, p. 25), Mateus é destacado como o evangelista da justiça de Deus. “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5, 6). Fazer justiça é agir diferente dos escribas e fariseus. “Digo-vos, pois, se vossa justiça não for maior que a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus” (Mt 5, 20).

O campo empresarial visa à aquisição de bens econômicos, constituindo, portanto, um desafio para a prática da justiça. Entre os meios usados para alcançar seu objetivo, a empresa pode descuidar tal prática, cara ao Evangelho. A proposta de Jesus, narrada segundo Mateus é iluminadora no sentido de que o futuro gestor, uma vez consciente do atual mercado altamente competitivo, pode conquistar o seu espaço com base no princípio do amor ao próximo, traduzido no exercício da justiça, essência da dimensão comunitária.

Foi visto também que o conceito de equipe de trabalho de Guzzo e Dickson (*apud* Albuquerque e Palacios, 2004), prioriza a integração das relações entre os membros. Observa-se, através das falas destes entrevistados, que os valores comunitários da religião são um ponto de apoio para o bom relacionamento no trabalho.

As respostas a seguir também apontam para valores da religião, dando ênfase à coletividade, opondo-se ao individualismo e egoísmo.

Contribui, sim. O gestor tem que saber trabalhar em equipe [...]. Ele não pode ser egoísta. Se pensar só nele, se for individualista, não dá certo [...]. Acho que é bem mais fácil conviver, no trabalho, com uma pessoa que frequenta uma religião (D.P.A., 20 anos).

Na Igreja, eles te ensinam como lidar com as pessoas. Que as pessoas não podem ser egoístas. E na faculdade é a mesma coisa: no seu serviço você não pode ser individualista, porque senão o trabalho não sai bem (Q.B.S., 21 anos).

Para o bom funcionamento de uma equipe de trabalho, é fundamental que seus membros se relacionem bem. Vimos com Robbins (2004), que as equipes de trabalho se diferenciam dos grupos; um elemento predominante nas equipes é o desempenho coletivo do trabalho, enquanto os grupos nem sempre requerem um esforço conjunto. A ênfase na coletividade das equipes de trabalho nos faz retornar novamente a Durkheim (1989), ao afirmar que a “religião é eminentemente coletiva”.

Deste modo, na base da religião e do trabalho em equipe (nas empresas) está a dimensão coletiva. Os dados apresentados pelos estudantes do INESC mostraram que a dimensão comunitária da religião contribui positivamente no quesito trabalho em equipe no curso de Administração de Empresas. A seguir a reflexão será sobre a única resposta divergente no que se refere a esta questão.

3.7.2 A resposta divergente

Dos 20 jovens entrevistados (100%), apenas 01 (5%), respondeu negativamente ao questionarmos sobre a contribuição da religião no trabalho em equipe exigido no curso de Administração de Empresas. Assim ele se posicionou:

Sou uma pessoa que não acredita em religiões. Acredito em Deus, mas não religião (A.P.S., 20 aos).

Vimos no resultado da pesquisa de Zagury (1997), que 92,95% dos jovens entrevistados afirmaram acreditar em Deus; 87,1% têm algum tipo de religião, embora alguns tenham afirmado apenas acreditarem em Deus, num Deus desvinculado da instituição. Ao serem perquiridos se freqüentam uma religião e se seguem seus mandamentos, apenas 16,7% responderam positivamente a esta questão. O documento da CNBB (2006), diz que o jovem de hoje procura relações num plano mais horizontal e democrática, rejeitando, portanto, a hierarquização e a autoridade constituída. Essa rejeição, portanto, se estende às instituições religiosas. Assim, o perfil do jovem entrevistado por nós se enquadra no cenário atual de jovens que crêem em Deus, mas não freqüentam uma instituição religiosa.

Contudo, o jovem A.P.S. (20 anos), ao ser indagado sobre o que a religião havia lhe ensinado sobre a dimensão comunitária e a forma como esta dimensão foi transmitida, respondeu:

Aprendi como tratar as pessoas. Foi a base de tudo. Através da igreja, acompanhado pelos meus pais, estudos, grupo, reuniões.

Esta fala nos remete ao que Libânio (2004) afirma sobre o jovem que teve uma formação religiosa na família, mas por várias razões se afasta da religião, tornando-se cético e não vendo utilidade nesta. Na sua falta, este jovem afirma que a religião lhe ensinou 'como tratar as pessoas. Foi a base de tudo'. Mircea Eliade na sua obra *O sagrado e o profano* (2003), após estudos sobre esta temática, conclui que "a maioria dos 'sem-religião' ainda se comporta religiosamente". Ainda que o homem se assuma como a-religioso, no mais profundo do seu ser, partilha de um comportamento religiosamente orientado porque, segundo este autor, ele é descendente do *homo religiosus*; *homo religiosus* é aquele que "crê sempre que existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo mas que se

manifesta neste mundo, e, por este facto, o santifica e o torna real. 'Por a-religioso, Eliade entende o homem que recusa a transcendência (ELIADE, 1992, p. 163-72)¹⁵. O jovem em questão não recusa a transcendência (Deus), ele, recusa, sim, a religião (institucionalizada); porém, como vimos com Häring (1960), o ser humano, uma vez tendo feito uma experiência com Deus, busca uma vida comunitária. Esta é dinamizada pela prática de valores entre seus membros, estendendo-se para outros campos da sociedade. A dimensão comunitária da religião, primando por relações interpessoais salutareas, parece ter exercido influência no comportamento do jovem A.P.S. (20 anos). A dimensão comunitária da religião parece ter colaborado na sua formação, em especial quanto ao tratamento que se deve ser da às pessoas. As pessoas, conforme vimos com Chiavenato (2004), são o mais importante recurso organizacional e fator determinante do sucesso da empresa.

Assim, os dados fornecidos por este jovem nos levam a concluir que, parece que a dimensão comunitária da religião contribuiu no processo de sua formação, principalmente no que se referente ao modo de se relacionar com as pessoas.

Portanto, os dados colhidos a partir da entrevista gravada com os jovens estudantes do curso de Administração de Empresas do INESC mostraram que, para eles, a religião é importante, ela dá sentido à vida e ajuda nas dificuldades próprias da condição humana. A família e a religião são instituições formadoras de valores determinantes no comportamento, como por exemplo, ajudam a estabelecer boas relações interpessoais. A experiência comunitária vivida por estes jovens na religião contribuíram, segundo afirmaram, para o desempenho do trabalho em equipe, exigência primaz, atualmente, no universo empresarial.

¹⁵ Seguimos resumidamente as páginas 163-72 da referida obra.

CONCLUSÃO

Ao nos propormos realizar esta pesquisa, tivemos como objetivo saber se a dimensão comunitária da religião contribui positivamente no quesito trabalho em equipe exigido no curso de Administração de Empresas. Para tal, percorremos um longo caminho buscando embasamento teórico que subsidiasse a pesquisa de campo.

Para uma melhor compreensão do tema proposto, juventude e religião, procuramos dar uma visão da sociedade atual, bem como da situação quanto ao fenômeno religioso, a fim de inserir a temática juventude neste contexto. Marcado pelas rápidas mudanças, incertezas e individualismo, o momento atual gera medo e insegurança. O comportamento juvenil dá amostras desta realidade. A juventude é a fase entre a infância e a vida adulta. Difícil é delimitar esta idade, bem como conceituá-la, pois a juventude é um fenômeno cultural. A temática juventude tem despertado o interesse da sociedade em geral, portanto, se tornando objeto de estudos, particularmente das ciências sociais. O período pós-guerra registra o despertar deste interesse, objetivando tornar o jovem como um grande potencial para uma cultura de consumo, própria do sistema capitalista.

A religião nunca é apenas metafísica (GEERTZ, 1989). Ela exerce influência na vida das pessoas, portanto, dá direção e pauta comportamentos. Sendo “eminentemente coletiva” (DURKHEIM, 1989), a religião, enquanto sistema solidário, congrega os indivíduos, dando sentido à vida e força para enfrentar as dificuldades no dia-a-dia. O jovem da atualidade tem se interessado pela religião, conforme pesquisa analisada por Novaes (2005). Estrategicamente, as religiões buscam formas diferenciadas para atraí-los, seja através de movimentos (Renovação

Carismática Católica, Cursilhos) ou programações evangelísticas na televisão. Os grupos de jovens são estratégias usadas pela religião; estes, como vimos com Libânio (2004) seduzem os jovens. Ali se identificam, se ajudam mutuamente e fazem a experiência de uma vida comunitária. A dimensão comunitária da religião envolve a dinâmica de valores, com a solidariedade, a justiça e a paz. Para os jovens, a dimensão comunitária tem expressiva influência nas relações nos diversos ambientes por eles freqüentados. A dimensão comunitária se torna, então, um contraponto no atual contexto de isolamento e segregação.

A universidade é um ambiente, em geral, próprio do jovem. Esta tem se apresentado não mais como uma instituição social, objetivando a formação integral dos estudantes e sim como uma organização empresarial, caracterizando-se, portanto, como uma organização mercadológica. O ser humano é corpo, mente e espírito, assim esta formação integral envolve também a transcendência. Pode ser apontada como uma das funções da universidade, além da pesquisa, ensino e extensão, a fim de contribuir para uma formação mais humana, sensível às necessidades dos outros. Ultrapassando, assim, os limites do individualismo e busca dos próprios interesses, proporcionando, por conseguinte, a prática de valores como a solidariedade, a paz e a justiça na sociedade.

Um curso que tem ganhado espaço é o de Administração de Empresas em nível superior. A organização empresarial objetiva lucros financeiros e num contexto de acirrada concorrência, o campo empresarial pode se tornar uma arena de disputa por sobrevivência no mercado. Por causa desta luta para se manter no mercado, somando-se à complexidade do momento atual, desafiadora e em constante mutação, faz-se necessário, a atuação de gestores com perspicácia suficiente para enfrentar tal situação. Delegar responsabilidades, influenciar, motivar e saber ouvir

as pessoas são habilidades necessárias para um administrador obter sucesso. A fim de sobreviverem as empresas, além destas habilidades, devem ainda saber gerenciar conflitos, pois, num cenário como esse as relações interpessoais se tornam um desafio. Uma empresa não funciona sem pessoas; estas, por sua vez, devem estar engajadas num único objetivo, portanto, desempenham seu trabalho em grupo, mais precisamente em equipes. As equipes de trabalho têm sido uma alternativa bem sucedida adotada pelas empresas. O sucesso é alcançado, desde que a atuação de seus membros seja em espírito coletivo.

Dependentes, então, de boas relações interpessoais para o sucesso nos negócios, é que os futuros administradores podem se apoiar na dimensão comunitária da religião como aquela que, essencialmente, busca promover relações salutaras, podendo, assim dar subsídios que levem o futuro profissional a ter o seu diferencial no mercado.

A pesquisa de campo realizada por nós com 20 estudantes do curso de Administração de Empresas do Instituto de Ensino Superior Cenecista – INESC – mostrou que eles valorizam a religião, não só para a vida pessoal, como também profissional. Os dados apresentados revelaram que a religião, como também a família, teve papel preponderante em suas vidas, no sentido de lhes ensinar valores voltados para a socialização e busca do bem comum. Os jovens desse Instituto afirmaram que a cooperação/trabalho em equipe foi experimentada e vivida nas suas respectivas religiões. Uma vez lá vivida, tem contribuído no desempenho das equipes de trabalho nas empresas.

Portanto, a juventude, imersa num contexto de individualidade, referencia-se na religião como aquela que contribui na sua formação, particularmente quanto às relações sociais. Estudantes do curso de Administração de Empresas, que tem nas

peças seu maior patrimônio atualmente, buscam na religião, através da dimensão comunitária, suporte para que as relações na organização sejam baseadas em valores com a solidariedade, a justiça e a paz.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de pesquisa nacional*. Paulo: Fundação Perseu Abramo; Porto Alegre: Instituto Cidadania, 2005.

ALBUQUERQUE, F. J. B. de; PALACIOS, K. E. P. Grupos e equipes de trabalho nas organizações. In: ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; BASTOS, Antônio Virgílio Bittencourt (Orgs.). *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

A BÍBLIA - TRADUÇÃO ECUMÊNICA. São Paulo: Loyola; Paulinas, 1995.

BARROS NETO, J. P. de. *Teorias de administração: curso compacto: manual prático para estudantes e gerentes profissionais*. Rio de Janeiro: Qualifymark, 2001.

BERGER, P. L. *O dossel sagrado: elementos para um teoria sociológica da religião*. Tradução de José Carlos Barcelos. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1985.

BRANDÃO, A. C.; DUARTE, M. F. *Movimentos culturais de juventude*. São Paulo: Moderna, 1990. (Coleção Polêmica).

BUARQUE, C. *A aventura da universidade*. São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

BUENO, F. da S. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e do Desporto – Fundação de Assistência ao Estudante, 1994.

CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARAVANTES, G. R.; PANNO, C.; KLOECKNER, M. C. *Administração: teorias e processos*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

CARRANO, P. C. R. *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CASAGRANDE, M. *O segredo do evangelho*. Campo Grande: Associação de novos escritores de MS, 2005.

CASAGRANDE, M.; BORDIGNON, L. *Pistas para uma pastoral da juventude*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982.

CHAUÍ, M. de S. *Escritos sobre a universidade*. São Paulo: UNESP, 2001.

CHIAVENATO, I. *Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

_____. *Administração de empresas: uma abordagem contingencial*. 3. ed. São Paulo: Makron Books, 1994.

_____. *Teoria geral da administração*. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999. V. I.

_____. *Teoria geral da administração*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001, V. I.

_____. *Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

CNBB: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. 44^a Assembléia Geral. *Evangelização da Juventude*. Itaiçi, 2006.

COSTA, J. A. *Imagens organizacionais da escola*. 2. ed. Lisboa: Edições Asa, 1988. (Coleção Perspectivas Atuais/Educação).

CUR, T. C. G. B. "Pai, não vêes que posso perder-te?". In: *O adolescente e a modernidade: congresso internacional de psicanálise e suas conexões*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

DELACORTE, H. T.; CAMPANHOI, E. M. O desenvolvimento de uma equipe de trabalho e sua influência nos resultados organizacionais. In: *FACEF pesquisa*. Franca, v. 9, n. 2, 2006.

DELOUS, J. *Educação: um tesouro a descobrir*. relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC; UNESCO, 2001.

DURKHEIM, É. *As formas elementares da vida religiosa*. Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESSER, H. H. Igreja, sinagoga. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. V.I.

FÁVERO, M. de L. de. *A universidade brasileira em busca de identidade*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FORACCHI, M. M. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.

FROEMMING, L. S. De o eu é um outro a um outro eu: a amizade como laço social. In: Associação Psicanalítica de Porto Alegre. *Adolescência entre o passado e o futuro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

GEERZ, C. *A interpretação das culturas*. Tradução de Gilberto Velho. Rio de Janeiro: LTC Editora S/A, 1989.

GHISLENI, M. A.; HESS, J. R. *O jovem perante a religião e a política*. São Paulo: Santuário, 1992.

GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

GOERGEN, P. *Pós-modernidade, educação e ética*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

GROPPO, L. A. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. (Coleção Enfoques).

GUIMARÃES, M. T. C.; CHAVES, E. G. Segmentos Juvenis em instituições educacionais de Goiânia: caracterização quantitativa. *Educativa*. Goiânia, v. 7, n. 2, p. 265-286, jul./dez. 2004.

HÄRING, B. *Força e fraqueza da religião*. Tradução de Antônio Narino e Silva. São Paulo: Herder, 1960.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 27 mar 2007. 15:35:20.

JOÃO PAULO II. *A vida fraterna em comunidade*. São Paulo: Paulinas, 1994.

KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. In: *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. NOVAES, Regina Reyes; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

KEMP, K.. Identidade Cultural. In: GUERRIERO, Silas (Org.). *Antropos e psiquê: o outro e sua subjetividade*. 4. ed. São Paulo: Olho D'Água, 2003.

KOURGANOFF, W. *A face oculta da universidade*. Tradução de Cláudia Schilling; MURAD, Fátima. São Paulo: UNESP, 1990.

LIBÂNIO, J. B. *Cenários da igreja*. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Jovens em tempos de pós-modernidade*. São Paulo: Loyola, 2004.

LUCKESI, C. C. *et al. Fazer universidade: uma proposta metodológica*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MALINOWSKI, B. *Magia, ciência e religião*. Tradução de Maria Georgina Segurado. Lisboa: 70, 1988.

MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MARTELLI, S. *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MORAES, M. C. *O paradigma educacional emergente*. 9. ed. São Paulo: Papirus, 2003.

MOREIRA, A. da S. *Observações para uma sociologia da cultura pós-moderna e da religião: súmula de um debate*. Goiânia, texto impresso, 2004.

MINAS EM REVISTA. *Unái hoje*, Unái, n. 6. jan. 2004, p. 64-5.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1. e única ed. Rio de Janeiro: Depositários: Livraria Francisco Alves, Livraria Machado, Livraria J. Leite, Livraria Briguiet e A indústria do livro, 1932

NOVAES, R. R. Juventude e religião: marcas geracionais e novas modalidades sincréticas. In: SACNHIS, Pierre (Org.). *Fiéis e cidadãos*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

_____. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). *Retratos da Juventude brasileira: análises de pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Porto Alegre: Instituto Cidadania, 2005.

PÉREZ GÓMEZ, A.I. P. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

RAMPAZZO, L. *Antropologia, religiões e valores cristãos*. São Paulo: Loyola, 1996.

ROBBINS, S. P. *Comportamento organizacional*. Tradução de Reynaldo Marcondes, 11. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

SANCHES, W. L. Ética para o futuro profissional de negócios. *Ensino Superior*. São Paulo, ano 8, n. 87, p. 24-5, dez. 2005.

SEVERINO, A. J. *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

SHATTERNMANN, J. Koinonia. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. V.I.

SÍVERES, L. *Universidade: torre ou sino?* Brasília: Universa, 2006.

SODRÉ, M. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SPECTOR, P. E. *Psicologia nas organizações*. Tradução de Solange Aparecida Visconde. São Paulo: Saraiva, 2003.

SUDBRACK, M. A. P. Escrevendo o adolescer. In: Associação Psicanalítica de Porto Alegre. *Adolescência entre o passado e o futuro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

SUNG, J. M. *Sujeitos e sociedades complexas*: para repensar os horizontes tópicos, Petrópolis: Vozes, 2002.

TERRIN, A. N. *Estudo comparado das religiões*. Tradução de Giuseppe Bertazzo. São Paulo: Paulinas, 2003.

TUBERT, S. O enigma da adolescência: enunciação e crise narcísica. Tradução de Miriam Celly Dyskant. In: *Adolescência e modernidade*: congresso internacional de psicanálise e suas conexões. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

WOLMAN, R. *Inteligência Espiritual*. Tradução de Geni Hirata. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

ZAGURY, T. *O adolescente por ele mesmo*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA

1 Dados do jovem: nome, sexo, idade, endereço para contato, situação empregatória, religião a que pertence.

2 Qual a função da religião?

3 a) O que a religião lhe ensinou sobre a dimensão comunitária?

b) Como ela ensinou/transmitiu para você esta dimensão?

4 a) O que você aprendeu na faculdade sobre o valor cooperação/trabalho em equipe?

b) Como aprendeu (estratégias, métodos)?

5 O que você aprendeu sobre a dimensão comunitária na religião contribui positivamente no quesito trabalho em equipe exigido no curso de Administração de Empresas?

() Sim () Não

Por quê?